

O Trem da HISTÓRIA

Setor de Arquivos, Pesquisas e Publicações da Fundação Cultural Calmon Barreto

Araxá, maio de 2004 - Ano 14 - Nº 37 - R\$ 4,00



Imigrantes em Araxá



Os imigrantes escreveram páginas na trajetória política, econômica, sócio-cultural e educacional de Araxá.

À eles, devemos muito do nosso desenvolvimento.

Hoje, seus descendentes são filhos queridos que constroem com dignidade e brilho a nossa história.

A atual Administração de Araxá busca o constante desenvolvimento da cidade com obras perenes, para também acolher os novos imigrantes.

Antônio Leonardo Lemos Oliveira
Prefeito de Araxá

SETOR RESPONSÁVEL PELA EDIÇÃO
Setor de Arquivos, Pesquisas e Publicações

CONSELHO EDITORIAL

Magali Cunha Porfírio Borges
Silvana A. Alves Borges Batista
Maria Trindade C. Resende Goulart
Maria Virginia Rios do Amaral Valle
Cecilia Angélica Machado de Paiva
Keyla Barbosa Machado

Prefeitura Municipal

ARAXÁ

Renovação, Participação e Desenvolvimento
2001-2004

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAXÁ

PREFEITO

Antônio Leonardo Lemos Oliveira

**Fundação Cultural
Calmon Barreto**

FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON BARRETO

PRESIDENTE

Magali Cunha Porfírio Borges

**Depto. Escola de Música "Maestro
Elias Porfírio de Azevedo" — DEM**
Maria Leonor Teixeira Lemos

Rosemary de Faria

**Setor de Arquivos, Pesquisas
e Publicações — SAPP**

Silvana Aparecida Alves Borges Batista

Maria Trindade Coutinho Resende Goulart

Maria Virginia Rios do Amaral Valle

Cecilia Angélica Machado de Paiva

Maria Abadia Faria Silva

Keyla Barbosa Machado

Setor de Patrimônio Cultural — SPC

Regina Aparecida de Oliveira

Setor de Artesanato — SA

Terezinha de Oliveira Lemos

Fernanda Alves Barcelos

Setor de Eventos — SE

Henrique Natal Vieira

Adolfo José do Nascimento

Leane Maria de Figueiredo Castro

Setor Administrativo-Financeiro — SAF

Elaine A. Oliveira Farnesi Araújo

Aparecida Marluça de Melo e Costa

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Wallace de Resende Torres

Reg.: MG-06.343 JP

SECRETÁRIAS DE REDAÇÃO

Keyla Barbosa Machado

Terezinha de Oliveira Lemos

REVISÃO

Antônia Verçosa

LAY-OUT E ARTE FINAL

Imagem Propaganda

RESTAURAÇÃO FOTOGRÁFICA DIGITAL

Reinaldo Finholdt Jr.

CAPA

FOTO

Ramiro Carrera Villanueva

(Década de 1930)

IMPRESSÃO

Gráfica Planeta

**Fundação Cultural
Calmon Barreto**

Praça Arthur Bernardes, 10 — Araxá/MG — 38.183-218
Fones: (34) 3691-7091 — 3691-7092 — 3691-7164
E-mails: fccb@terra.com.br e barretoaraxa@ig.com.br

As informações contidas nesta revista podem
ser reproduzidas desde que citada a fonte.

Visitem os sites:

www.usr.cd-graf.com.br/~barreto/
www.araxa.mg.gov.br/secretarias/fccb

O BRASIL DE MUITAS CULTURAS	02
ÁRABES (Sírios e Libaneses)	04
QUEM FOI QUEM (Arthur Rosa)	22
ITALIANOS	23
CUBANO	33
PORTUGUESES	34
AUSTRÍACOS	37
FRANCO-SUIÇO	39
EGÍPCIO	39
FRANCÊS	40
IUGUSLAVO	41
ALEMÃES	42
ESPAANHÓIS	45
NOVOS IMIGRANTES	47

PRIMEIRAS PALAVRAS

Reunindo breves relatos que contam o passado e o presente de brasileiros naturais e naturalizados, imigrantes e tantos outros, encontramos instrumentos que apresentam nossa história, seus personagens e o contexto em que atuaram, permitindo a assimilação de dados necessários ao entendimento da essência da história.

A demanda por conhecimentos e leituras diversificadas está cada vez mais forte.

As informações biográficas muitas vezes acusam seus autores de não terem se aprofundado no entorno político, social e econômico das pessoas. Sabemos que a divulgação dos textos na mídia funciona sob prisma diferente, por isso deve-se buscar e pesquisar raízes que vão nortear um caminho que nós, como difusores da história, podemos e temos que subsidiar.

As observações são unânimes. Cada vez mais, história e grande público caminham juntos. A presença de jornalistas testemunhando as mudanças do mundo contemporâneo, descrevendo a "história imediata", incentiva uma abertura maior para os conhecimentos desta disciplina, abrindo campo para divulgarmos, cada vez mais, o complexo regionalismo que nossa "gente" constrói.

A nítida informação sobre a existência dos que nos antecederam é que torna agradáveis os escritos que deixamos relatados, demonstrando um legado substancial que aponta a causa e o efeito de se buscar, com racionalidade, registrar as pessoas que marcaram, no seu tempo, a nossa história.

Silvana A. Alves Borges Batista



HISTÓRIA & TEMPO

Em Araxá, a história da imigração se confunde com a história do próprio desenvolvimento da cidade.

Os primeiros árabes, italianos, alemães e tantos outros aqui aportados, no final do séc. XIX e início do XX, trouxeram os seus costumes, a sua arte, a sua maneira de ver e de sentir o mundo, contribuindo, assim, com uma parcela muito grande de tudo o que Araxá representa hoje. Trouxeram conhecimentos.

Essa história não foi diferente da ocorrida em várias regiões do Brasil que receberam pessoas vindas de outras terras e que se imanaram nos mesmos ideais e na mesma luta dos brasileiros. Que fique registrada a vivência dos que vieram de longe: o que fizeram e o que fazem os seus descendentes, tomando-nos todos um único cidadão o araxaense.

BRASIL & IMIGRANTES

Na América do Sul, o Brasil foi o país que teve o maior aumento populacional devido às correntes migratórias oriundas principalmente do Ocidente (portugueses, espanhóis, italianos, alemães, poloneses), do Oriente (japoneses, chineses), sírio-libaneses e outros.

Sob o ponto de vista demográfico, social e econômico, há que se observar um Brasil costeiro, mais desenvolvido e um Brasil interior, quase despovoado, onde o progresso era menor. Isso devido ao fato de que, no início da colonização, a faixa litorânea foi a primeira a ser ocupada.

ÍNDIOS & NEGROS & BRANCOS

O ÍNDIO: A população indígena significou bem pouco na

estruturação da sociedade. O branco não conseguiu escravizar o índio e foi, talvez, o seu grande predador.

O NEGRO: A trasladação do negro foi forçada, nada tendo a ver com o conceito de imigração.

O BRANCO: Nos primeiros tempos, após a descoberta do Brasil, o europeu raramente se estabelecia na nova terra. Eram soldados, marinheiros, mercadores ou mesmo aventureiros. Apenas freqüentavam as regiões litorâneas mais favoráveis ao comércio.

COLONIZAÇÃO & DESENVOLVIMENTO

No Brasil, a imigração com fim colonizador começou depois da transmigração da família real. São considerados imigrantes apenas os aqui chegados após a vinda da Corte para o Brasil e a abertura dos portos, em 1808.

O período de imigração em massa ocorreu entre 1870 e 1930. Companhias especializadas se encarregavam de recrutar, transportar e instalar os imigrantes.

POVOAÇÃO & CRESCIMENTO

Em 1808 foi assinado o Decreto Revolucionário de 25 de novembro que permitia ao governo conceder terras a estrangeiros. Esse decreto marca o início da imigração espontânea no Brasil. Até então, o crescimento populacional fora mais vegetativo e não motivado pela imigração. Essa política visava a atrair estrangeiros para povoar e colonizar os vazios demográficos.

FÉ & ESPERANÇA

A colonização no Brasil pode ser dividida em duas fases. A primeira, dominada pelo povoamento português, vai do descobrimento até o início do séc. XIX. Nessa fase, verifica-se a chegada dos escravos africanos em número considerável, a ponto de a

população negra constituir importante parcela na formação do povo brasileiro.

A segunda fase compreende o período entre meados do séc. XIX e os dias atuais. Esta fase é marcada pela imigração e teve início com o fim do Tráfico Negreiro em 1850 e, mais tarde, na vigência da Lei do Ventre Livre, em 1871, que colocou na ordem do dia a necessidade da substituição da mão-de-obra escrava pela imigrante.

E, desde então, os povos que mais têm imigrado para o Brasil, excluindo os portugueses, são os italianos, espanhóis, eslavos, alemães, poloneses, japoneses, chineses e sírio-libaneses.

SÉC. XIX & SÉC. XX

Em meados do século XIX, o Brasil foi pouco procurado pelos europeus. A grande imigração, se é que assim se pode dizer, ocorreu no período 1887-1914. Posteriormente, 1920-1930, houve um segundo surto migratório.

A imigração japonesa só teve início no Brasil em 1908, quando chegaram as primeiras levas que se dirigiam principalmente às lavouras de São Paulo. Os imigrantes sírio-libaneses e chineses se dedicavam ao comércio.

CLIMA & PREFERÊNCIAS

No Brasil meridional, a contribuição estrangeira se fez sentir de maneira mais intensa. Era a região que tinha o maior número de estrangeiros no Brasil.

Essa preferência se explica pelas condições climáticas mais semelhantes às de seus países de origem.

Essa corrente imigratória que veio da Europa para as atividades agrícolas, constituía-se principalmente de alemães, poloneses e italianos.

DIFERENÇAS & ADAPTAÇÃO

Fatores diversos influíram numa maior ou menor adaptabilidade à nova vida. O grau de estranhamento dependia de situações várias: o lugar de origem, as razões da imigração, o fato de viajar em família ou só, contatos com conhecidos ou parentes que já habitavam a nova terra e, ainda, a maior barreira: as diferenças de idiomas. O Brasil passa a contar com dois tipos diferenciados: um novo brasileiro ou um estrangeiro que vive no país.

Essas e outras características estão presentes nos imigrantes que aqui aportaram.

ECONOMIA & DESENVOLVIMENTO

No Brasil, ciclos econômicos influíram no povoamento, ocupação e conseqüente desenvolvimento do território.

A população, sabe-se, é o fator principal no desenvolvimento de uma região.

A imigração, dentre outros fatores, tem contribuído para o aumento populacional, trazendo a novidade dos costumes e da culinária.

CAFÉ & CULTURAS VÁRIAS

O café passou a comandar a economia do Brasil a partir de 1830. Esse produto trouxe desenvolvimento econômico para o sul e sudeste, provocando e acelerando o povoamento.

São Paulo, no começo do séc. XX, era conhecida como “a cidade dos italianos”. Foi o local de concentração dos imigrantes que, a seguir, se espalhavam para o interior.

Tudo isso atraiu a vinda de imigrantes que traziam uma nova mentalidade e novos tipos de exigências. A partir do séc. XX, observou-se a passagem da monocultura para a policultura.

OURO & COMÉRCIO

A descoberta de riquezas minerais no interior, principalmente em Minas Gerais e na Bahia, atraiu grande número de aventureiros. Essas penetrações em Minas Gerais eram feitas pelos bandeirantes paulistas e, mais tarde, pelos imigrantes.

Acorrida do ouro e das pedras preciosas causou uma povoação rápida e intensa e, em decorrência, chegaram os primeiros imigrantes sírio-libaneses, inicialmente como mascates e se fixando, posteriormente, como comerciantes.

HOSPITALIDADE & DIREITOS

Em datas mais recentes, o Brasil tem recebido um novo tipo de imigrante. São os donos de empresas, técnicos de multinacionais etc. ou, ainda, os atraídos pelo clima, pelas belezas naturais ou pela hospitalidade da gente brasileira.

Pela Constituição, brasileiros e estrangeiros aqui residentes têm os mesmos direitos e deveres, observados sempre os princípios da igualdade.

Pesquisa e Texto: Magaly Cunha Porfírio



O Brasil do começo do século XX.

ROMPIMENTO & ADAPTAÇÃO

A maioria dos árabes aqui chegados fugia das guerras e buscava melhores condições de vida para seus familiares. A viagem dos imigrantes significava um profundo rompimento com a vida anterior e deixava marcas naqueles que a empreendiam.

No início, o sofrimento pelo que estavam deixando e a ansiedade pelo que deveriam encontrar na nova terra se transformaram numa experiência difícil. Por outro lado, o Brasil significava a esperança, longe de guerras e do regime “feudatário” que cerceava a liberdade do cidadão. Mesmo assim, foram eles, os sírio-libaneses, dentre todos, os que se adaptaram com maior facilidade.

ÁRABES & TURCOS

A dominação do Império Otomano por longos anos obrigava o uso do passaporte turco. Daí a denominação “turcos” a todos os sírios e libaneses que aqui aportaram no final do séc. XIX e princípios do século XX. Essa era uma situação que incomodava os que chegavam, já que os identificava com o opressor, os turcos, que dominaram a região de seu país de origem até 1917 - 1918.

Por ocasião da Primeira Guerra Mundial, a Turquia negociou uma aliança com a Alemanha em 1º de agosto de 1914. À medida que o conflito se prolongava, um número cada vez maior de nações se empenhava na luta. Estando a Turquia em campo oposto ao do Brasil, sírios e libaneses, portadores do passaporte “turco”, passavam pela humilhação de serem chamados, de maneira pejorativa, “turcos”. A esse tempo, o Líbano era um estado pertencente à Grande Síria.

Depois veio o Protetorado Francês. Apesar de incursões francesas em várias regiões, pode-se dizer que só em 1920 ficou estabelecido o mandato francês, que findou após a independência da Síria e do Líbano em 1941 e 1943, respectivamente. O Protetorado Francês terminou oficialmente no dia 01/01/1944.

COSTUMES & DIFERENÇAS

Em sua grande maioria, os imigrantes chegados a Araxá já se conheciam ou eram parentes próximos, o que ajudava nas dificuldades dos primeiros tempos, face às diferenças de costumes e de idiomas. Agrupavam-se, ajudavam-se e praticamente recriavam a sociedade da aldeia de origem. Era comum mandar buscar as noivas, com o objetivo de se conseguir, através do casamento, manter os laços originais. Os árabes se reuniam diariamente. Jogavam cartas, conversavam, relembavam a pátria distante, usavam o arguile, e dançavam o Dapke. O que não significou isolamento dentro da comunidade. Árabes e brasileiros se entrosavam. Hábitos alimentares foram introduzidos: o quibe, a carne de carneiro, o malfuf, o ariche, o pão sírio etc. Os brasileiros se surpreendiam ao vê-los comendo pepinos com coalhada.

COMÉRCIO & ATIVIDADES

Ao chegarem à nova terra, a primeira atividade exercida pelos árabes era “mascatear”. Vendiam especialmente para as populações do interior, introduzindo novas práticas comerciais. Considerados os criadores do “comércio popular”, os “turcos da prestação” substituíram portugueses e italianos nessa atividade. O

município de Araxá, por esta época, não atingia 5000 habitantes. A maioria das casas era construída com adobe. As poucas ruas não possuíam calçamento, eram escuras e quase sempre cobertas por buracos e matos. Não havia luz elétrica e água encanada. Vivia-se tal como na zona rural onde não havia conforto.

Dr. Franklin de Castro, no exercício do cargo de agente executivo municipal (não existia a Prefeitura, que só foi criada em 1915), instalou a rede elétrica e sanou todos esses problemas. A Praça de São Domingos era, a esse tempo, coberta pelo mato e o cemitério encontrava-se nos fundos da Igreja de São Sebastião.

Na Praça da Conceição, hoje, Praça Governador Valadares, ou Jardim Novo, a gruta de Nossa Senhora de Lourdes tornou-se ponto de atração. A principal rua da cidade era a rua do Comércio, hoje rua Dr. Franklin de Castro. Nos quintais plantavam-se hortaliças, criavam-se galinhas e, às vezes, porcos usados no sustento das famílias. Ainda o araxaense era semicospopolita, devido à convivência com turistas e pessoas influentes que aqui vinham em busca de suas águas medicinais.

REALIDADE & SONHOS

Os laços entre brasileiros e árabes sempre foram muito fortes. Atualmente existem 8 milhões de brasileiros descendentes dos sírios e libaneses. Com eles temos aprendido a sua arte, sua culinária, seus costumes.

Graças à tenacidade que sempre os caracterizou, os árabes aqui chegados se adaptaram à nova terra e contribuíram para a sua grandeza. Quase todos acalentaram o sonho de um retorno. Uns conseguiram realizá-lo. Outros, não.

Famílias Abdanur e Nader

SAUDADE & CORAGEM

Abdanur Elias nasceu em Carm-Asfur (Karmasfur), norte do Líbano, no dia 19/04/1889.

Lulo (Lula) Salim Nader nasceu em Dardalum, também no norte do Líbano, em 15/12/1894.

Abdanur Elias era filho de Elias Abdanur e Yâmina Abrahão Calil. Lula era filha de Salim Nader e Mallak Calil Nader. Casaram-se no Líbano e lá viveram os horrores de uma guerra. Tiveram três filhas vitimadas pela gripe espanhola, surto que assolou o mundo ao término da 1ª Grande Guerra. Ainda no Líbano, nasceram Elias e Zeque.

Em busca de dias melhores, a família imigrou para o Brasil em 1923. A separação foi triste e dolorosa. Todos sabiam das dificuldades de um reencontro futuro. Esse foi um momento marcante em suas vidas.



Lula Nader Abdanur

VIDA NOVA & SUCESSO

Chegaram ao Brasil em 1924. Estiveram em Sacramento/MG, Conceição do Araxá (hoje, Perdizes/MG) e finalmente Araxá. Nagib, Zezão, Nadim e Ione nasceram em terras brasileiras.

À custa de muitos sacrifícios, plantaram sólidas raízes na nova terra e aqui se estabeleceram. A fraternidade e o respeito nortearam suas vidas. Elias Abdanur exerceu diversas atividades ligadas ao comércio.

A primeira lavanderia da cidade, a "Lavanderia Brasil", pertencia à família. O sabão usado era artesanal e, a partir daí, surgiu a "Fábrica de Sabão Araxá" comercializado nos dias de hoje.

ARTE & AMOR

Lula era mulher forte e possuidora de extrema habilidade. Fazia com perfeição a famosa "Renda Turca", peça que não faltava nos enxovais das noivas de então. Com isso ajudava no orçamento familiar. Excelente dona de casa, mãe extremosa e dedicada aos amigos, sabia da preferência de cada um. Grandeza de coração e coragem são marcas de sua personalidade.

FAMÍLIA & RESPONSABILIDADE

Os filhos: Elias (Cecília Bittar), Zeque (Joana Bittencourt) Nagib (Maria Auxiliadora de Ávila),



Abdanur Elias

José (Abgail França), Nadim (Balbina Pereira) e Ione. Elias e Zeque vieram crianças. Elias assumiu a fábrica de seu pai e demonstrou sua competência e capacidade de trabalho. Zeque trabalhou por muitos anos em Araxá e depois transferiu-se para Santos/SP.

Com o falecimento de Lula, em 26/09/1951, Abdanur Elias casou-se em segundas núpcias com **Maria Francisca Alves**. Com ela teve mais dois filhos: Jorge (Maria de Fátima Borges) e Lélia (Luiz Wilson Ribeiro).

A família Abdanur contribuiu para a grandeza desse imenso país e dignificou a raça através de seus exemplos. Seus descendentes, cerca de 50 netos e bisnetos, se orgulham de trazer nas veias o sangue dessa raça valorosa.

Famílias Dib e Nessralla

SALIM & LABIBI

Salim Dib nasceu em Elminie, Líbano, em 06/05/1891, tendo chegado a Araxá por volta de 1913. Morreu em 01/07/ 1969. Seus pais: **Ispier Dib Haule e Enslia Bittar Haule**.

Labibi Nessralla também nasceu em Elminie, em 10/12/1901. Faleceu em 21/04/1975. Seus pais:

Ispier Nessralla (Esperidião Nessralla) e Lulo (Lulia) Bittar Nessralla.

Salim e Labibi casaram-se em Araxá no dia 06/09/1921 e tiveram 09 filhos: Ivone, Iolanda, Sírio, Irene, Suraia, Elias (Vera), Kemel, Síria (Honório Carneiro) e Salim (Maria Aparecida Castro).

LUTAS & EMOÇÃO

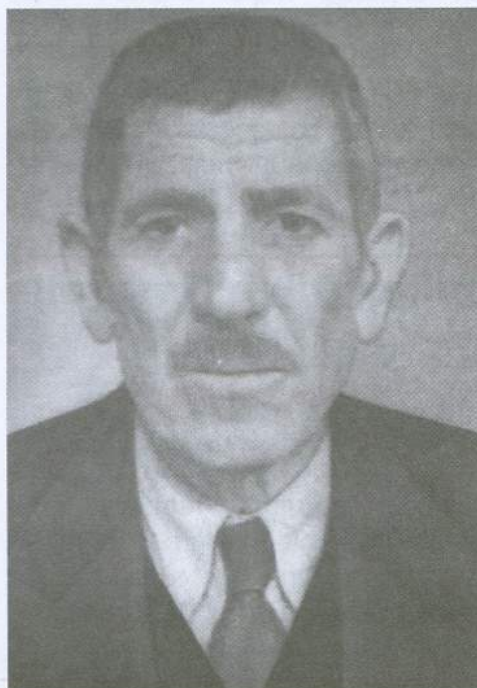
Salim era sócio de Elias Leime e, juntos, fundaram um estabelecimento comercial, a "Casa Americana", onde se situa, hoje, a Casa França, na rua Dr. Franklin de Castro (O prédio ainda mantém as mesmas características arquitetônicas de origem). Bazar e atelier de luxo,



Salim Dib

atendia às “madames” com esmero e atenção.

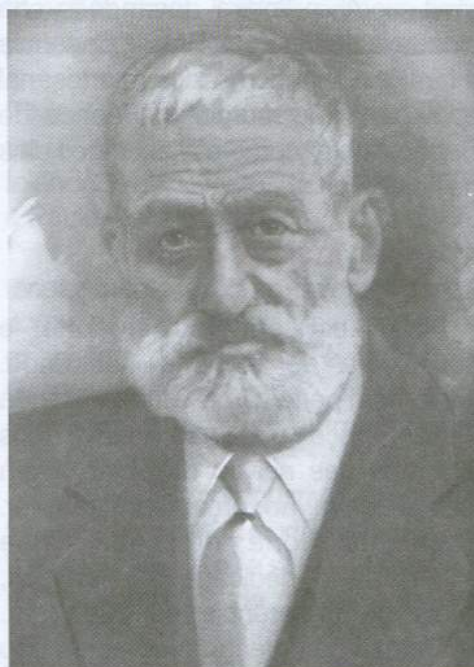
Salim falava e escrevia bem o árabe e o português. Fundou, em Perdizes, uma fábrica de bebidas, o que gerou grande número de empregos. Já estabelecido, vida acertada, Salim teve condições de trazer seus pais para o Brasil. E aqui eles chegaram em 1937. Festa, alegrias e lágrimas de emoção. Isper Dib Haule, já com a saúde debilitada não resistiu por muito tempo. A nostalgia da terra de origem agravou a situação.



Esperidião Nessralla

LABIBI & FAMÍLIA

Labibi contava 7 anos quando veio para o Brasil. Fez a grande travessia com toda a família: pais e irmãos. Corria o ano de 1908. Parentes e amigos informaram das vantagens da nova terra. Esperidião e Lulia tiveram 11 filhos: Labibi, Nadime, Elmosa, Nazza, Helena, Halil, José, Lúcia, Maria, Zilda e Lourdinha. Labibi estudou em São Paulo. Os livros faziam parte da sua vida.



Isper Dib Haule



Labibi Nessralla Dib



Enslia Bittar Haule

LEMBRANÇAS & GENEROSIDADE

Salim e Labibi nunca mais voltaram ao Líbano. Sentiam imensa saudade. Contavam das plantações de uvas, tâmaras, damascos, das oliveiras, da vida, dos costumes. Mas amavam o Brasil, terra que os acolheu, terra que viu seus filhos nascerem, terra que eles haveriam de amar até o fim de suas vidas. Recebiam os parentes que chegavam do Líbano e os ajudavam no período de adaptação. Natal e Páscoa eram datas comemoradas em família com muito amor. Aos filhos, ensinaram-lhes a serem fortes, justos e verdadeiros.



Lulia Bittar Nessralla



Marin e lussef Salomão

ORIGENS & UNIÃO

Iussef Slemen (José Salomão) imigrou para o Brasil em fins do séc. XIX tendo sido o primeiro libanês a chegar a Araxá. Gostou da terra, estabeleceu-se nos negócios e, vida acertada, retornou ao Líbano para trazer sua esposa, **Marin Dib Calil**, e seus dois filhos menores: Barbar e Cecin. Em 1896 a família Slemen chegava ao Brasil ou, mais precisamente, a Araxá. Iussef era homem ponderado, honesto e justo. A ele os patrícios recorriam quando necessitados de um conselho. Faleceu em 1907. Marin era alegre e “cheia de vida”. Dançava bem o Dapke e festa alguma começava antes que ela chegasse. Faleceu em dezembro de 1940. Iussef e Marin

nasceram em Farhabu. **Cecin Iussef Slemen, (Cecílio José Salomão)** filho de Marin e Iussef, nasceu em 21/06/1882 e tinha apenas 14 anos quando deixou o Líbano.

A JOVEM & O CASAMENTO

Em 1902 uma nova leva de imigrantes chega ao sul do país. Entre eles, **Saada Iussef Kijuk (Felícia Kijuk)**, filha de Iussef Kijuk e Futin Nessralla Kijuk. Saada nascera na pequena aldeia de Al-Munia em 10/05/1890 e contava apenas 12 anos de idade, quando aqui chegou, após fugir de um grupo de muçulmanos que, em tempos de guerra, raptavam as moças.

O casamento, naquele

tempo, era “arranjado”. E foi assim que João Galdino, sogro de Elias Leime e sobrinho de Futin, entrou em entendimentos com Marin, a mãe de Cecin (Cecílio) e acertou o casamento de Cecílio e Felícia, então uma linda jovem com 16 anos. O casamento foi realizado em São Paulo, em 20/05/1905. Tiveram 6 filhos: Cecílio, José, Abrahão, Uahib, Maria Josefina (Fuad Feres) e Mário (Yara Marília Cunha).

NEGÓCIOS & NOVIDADES

O patriarca Iussef Slemen e seus dois filhos Cecílio e Barbar mantiveram um estabelecimento comercial, a “Casa Iracema”, na esquina das ruas, hoje, Calimério Guimarães e Mariano de Ávila.

As compras eram feitas em São Paulo, de onde vinham produtos finos e de bom gosto. Felícia, por sua vez, era hábil negociante e gostava de ter o seu “comércio”. Coisas da raça. Hábitos alimentares diferentes e novos costumes foram introduzidos em Araxá, a cidade que os acolheu com amor e que eles tanto amaram.

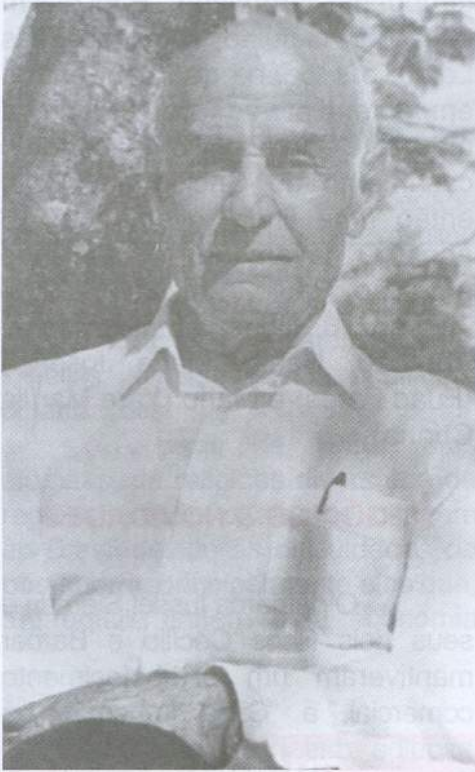
AMOR & NOSTALGIA

Cecílio falava e escrevia bem o português, além do árabe. Era um homem de letras e fez com que os filhos compreendessem a importância do estudo. Cecílio já se considerava um brasileiro e dizia: “quando morrer, quero ser enterrado em Araxá”. Felícia sentia a nostalgia de seu país de origem, de seus familiares e de tudo o que lá deixara. Antes de morrer queria rever sua terra. Não conseguiu realizar esse sonho. Cecílio faleceu em 20/05/1949. Felícia em 30/09/1970.

Cecílio e Felícia foram felizes. Juntos lutaram e juntos construíram uma vida de exemplos dignificantes que deixaram aos seus descendentes.



Felícia e Cecílio Salomão



Abrahão Tannus

INTELECTUALIDADE & RAÇA

Abrahão dedicou-se ao comércio e fundou a “Casa dos Retalhos”. Intelectual, a ele lhe interessavam os livros. Mantinha correspondência com literatos sírios e enviava artigos para jornais e revistas. Lia a enciclopédia como quem lê um romance. Foi membro-fundador da Academia Araxaense de Letras e participou da implantação da Biblioteca Pública. Em 1972, com muita justiça, a Câmara Municipal conferiu-lhe o título de cidadão araxaense.

CORAGEM & EXEMPLO

Raffa praticamente assumia os negócios da família. No Líbano ela cultivava uvas, tâmaras e pastoreava ovelhas. Excelente na cozinha, gostava de agradar os vizinhos com as especialidades de



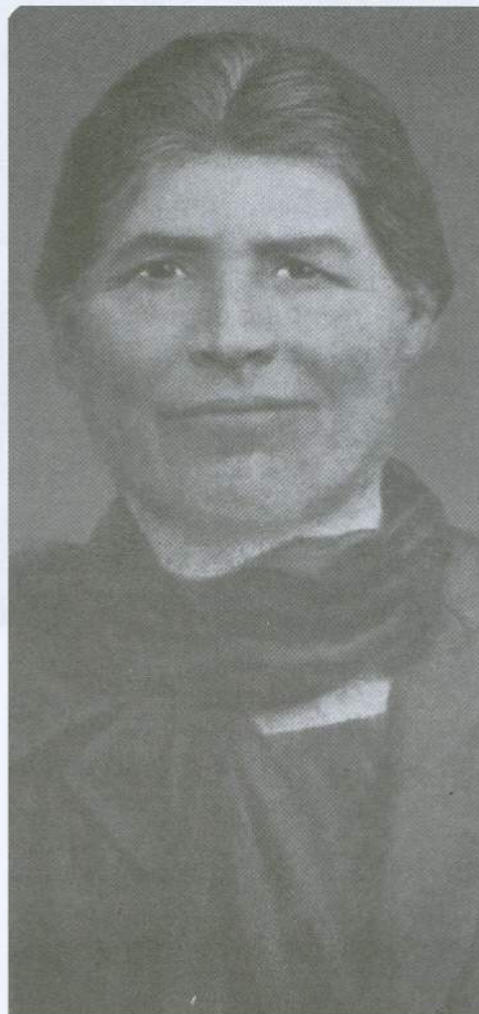
Raffa Rage Tannus

DECISÃO & FATOS

Ibrahim Habib Tannus (Abrahão Abílio Tannus) era filho de Habib Abílio Tannus e Sofia Jorge Tannus. Abrahão Tannus nasceu em 04/04/1904 na região de Akkar-Líbano (por este tempo, ainda pertencente à Síria), “onde o mar e o céu eram azuis, a planície florida e as montanhas com os cumes coroados de neves eternas”. Daí ele partiu para o Brasil. Corria o ano de 1927.

Raffa Rage era filha de Iussef Rage e Marian Kurone Rage. Nascida em Mínia, Líbano em 10/04/1910. Após o falecimento do pai, veio com a mãe para o Brasil em 1924. Ela contava 14 anos de idade.

Marian Kurone Rage era mãe de Raffa, Elias e Jorge. A Araxá, chegou em 1937. Sete anos após o casamento de Raffa com Abrahão, em 27/04/1930. Vestia-se de preto em sinal de luto pela morte do marido. Foi uma mulher doce, pacífica e que se comunicava apenas em árabe. Não falava o português, embora gostasse do Brasil.



Marian Kurone Rage

sua terra.

A adaptação de ambos na nova terra fora fácil. Amavam Araxá tanto quanto amavam o país de origem. Costumavam dizer: “somos árabes-brasileiros”. Tiveram 6 filhos: Afis, Laila, Sofia (Gabriel Malki), Faiçal (Gerald Maciel e posteriormente Roma Cortes), Fátima (Pedro Leime) e Watfa (J. Galvão). Depois veio o falecimento de Raffa em 22/04/55. Ela deixou exemplos de coragem e de sabedoria.

PASSADO & NOVO TEMPO

Passados os primeiros tempos, Abrahão Tannus voltou a se casar, desta vez com Angelina Feres, filha de imigrantes árabes, dos quais falaremos a seguir. Com ela teve uma filha, Isabel, e uma outra adotiva, Sandra.

Angelina foi esposa dedicada e amorosa. Trabalhou no magistério cerca de 35 anos e, ainda hoje, aos 86 anos de idade, é atuante na comunidade.

Famílias Nessralla e Leime



João Galdino

COSTUMES & VOLTA

Abdalla Nessralla (João Galdino) chegou ao Brasil por volta de 1895. Nascido no Líbano em Minia, já morava em Araxá, quando voltou ao Líbano, após 7 anos, para buscar a noiva Jamilla. Casaram-se e nasceu-lhes a única filha, **Júlia**. Ela contava 6 meses quando vieram para o Brasil, em 1902.

Jamilla Nessralla, mulher enérgica, não media esforços e estava sempre pronta a servir. Levava seu trabalho a quem dela precisasse. Foi ela quem mandou construir uma pequena casa onde acolhia os menos favorecidos, inclusive o "João Preto" (Homem com problemas mentais e querido pelas crianças).

VIDA NOVA & ALEGRIAS

Elias Leime veio para o Brasil em 1905, quando contava apenas 16 anos.

Nasceu em Minia, Líbano, filho de Haja (Joana) e Isper (Esperidião) Leime. Teve uma infância sofrida, povoada pelos horrores e sofrimentos trazidos pelas guerras.

Em 1918 estabeleceu-se em Araxá, onde conheceu **Júlia** que

aqui vivia com seus pais;

Em 1919 Elias Leime e Júlia Galdino se casam e constituem uma nova família: Eunice (Abdalla Abrahão), Selym (Helena Nesralla), Diva, Leila (Walter Fernandes), Calil (Suelene) e Pedro (Fátima Tannus).

Em 1922, Elias fez vir do Líbano sua mãe, **Joana**, e a irmã, **Zahia**.

PASSADO & LEMBRANÇAS

João Galdino iniciou sua vida mascateando nas fazendas. Descalçava as botinas ao pisar o chão e dizia: "É para economizar". Fundou "Ao Primeiro Barateiro", loja das mais antigas de Araxá. Faleceu em S. Paulo, aos 60 anos, no dia 17/12/1933, quando fazia compras para a loja. João Galdino deixou a família economicamente estável. Foi homem de fibra e coragem.

Jamilla faleceu aos 92 anos em 03/12/1963, cercada pelo carinho de todos os que a amavam.

LIDERANÇA & LEALDADE

Após a morte de João Galdino, Elias assumiu os negócios juntamente com sua esposa Júlia. Ela era pessoa ativa e conhecia cada objeto que entrava ou saía. Hábil nas contas, foi o braço direito de seu marido Elias.



Jamilla Nessralla

Elias e Júlia sempre se preocuparam com os conterrâneos aqui chegados, dando-lhes total suporte. Eram amáveis, gentis e donos de imenso coração.

Elias era considerado o líder da colônia sírio-libanesa e pode-se dizer que foi homem de grande importância em Araxá. Foi participativo em todas as questões. Era sério e competente. Nasceu em 1889 e faleceu em 1966. Júlia faleceu em 28/10/1966.

Casais como Elias - Júlia e João Galdino - Jamilla foram e serão sempre lembrados pela lealdade, pelo caráter e pelos exemplos.



Zahia, Júlia, Elias Leime e Joana



Jorge Akel

ASCENDÊNCIA & DESCENDÊNCIA

Jorge Akel era filho de Salim Akel e Josephina Akel, tendo nascido em 25/07/1887 (data provável) e chegado ao Brasil em 1920.

Em 1926, também chega ao Brasil **Abrahão José Bittar**, que tem o ano de 1907 como data provável de nascimento. Abrahão teve os documentos alterados em razão de viajar sozinho quando ainda menor de idade. No ano seguinte manda vir da Síria sua irmã, **Ward Bittar** (Rosa), nascida em 1910. Eles eram filhos de Iussef (José) Bittar e Nágida Bittar.

Jorge Akel nasceu em Alepo, Síria. Abrahão e Rosa também nasceram em Alepo, uma das cidades mais antigas do mundo — 4.500 anos.

Jorge e Ward (Rosa) vieram a se conhecer em São Paulo. Casaram-se e tiveram 5 filhos: Maria Josephina, (Ayube Fauze), Salomão, Ivone, José Akel (Ana Rita Angotti) e Ivien (Wanderley Valle), nascidos em Araxá.

DISTÂNCIA & SAUDADE

Ibrahim Dib Haule nasceu em Elmínia, filho de Isper Dib Haule e Enslia Bittar. Irmão de Salim Dib, casou-se com **Amélia**, uma brasileira de Santa Juliana/MG. De lá vieram para Araxá, onde viveram muitos anos.

ORIGENS & HISTÓRIA

Ao lado da França, Jorge combateu durante a 1ª Grande Guerra. Seu temperamento aventureiro o levou a deixar a Síria e, em 1919, chegava à Argentina.

Rosa teve curta existência, apenas 33 anos, tempo suficiente para demonstrar sua ternura e carinho. Ao falecer, deixou cinco filhos, o caçula com apenas 3 anos.

COMÉRCIO & GENEROSIDADE

Em Araxá, Jorge montou um estabelecimento comercial: a Casa São Jorge. “Matarazzo”, como ficou conhecida, fazia alusão a um bem-sucedido imigrante italiano. Ali, de tudo se encontrava: armarinhos, perfumaria, tecidos, artigos para presentes, bijuterias, utensílios domésticos etc.

Jorge falava sobre a Síria. Todavia não lhe importava o passado, irrecuperável. Escrevia e lia o árabe, o francês e o português. Coração generoso, abrigou patrícios que aqui



Rosa Bittar Akel

Famílias Akel e Bittar



Abrahão Bittar

chegavam. Queria vencer e venceu. Jorge faleceu em 26/03/1950, sete anos após a morte de sua esposa.

CARACTERÍSTICA & PERSONALIDADE

Abrahão José Bittar. Como descrevê-lo? Um grande “araxaense”. Era capaz de brigar se falassem contra Araxá. Ao ser indagado se gostaria de rever sua terra, respondeu: “Que terra? Minha terra é aqui!”

Abrahão nunca se casou. Após as mortes de Rosa e Jorge, assumiu com amor e dedicação a criação dos sobrinhos. Exímio na culinária árabe, possuía enorme círculo de amizade e nunca dispensou o terno, o colete e a gravata. Pertenceu à Loja Maçônica e foi sócio nas Casas São Jorge e na IMA (Indústria de Móveis Araxá).

Faleceu em 24/11/1979. Honestidade e carisma marcam essas duas famílias: os Akel e os Bittar.

Família Dib Haule

Um dia, mudou-se com a família para Goiás. Não teve sorte. Pelas voltas que a vida dá, perdeu os filhos, os bens e em Goiás veio a falecer nos idos de 1960. Os que o conheceram, guardam com carinho a lembrança de um homem bom, correto e justo.

Tiveram 3 filhos: Uahib, Celma e Terezinha.

Foi comerciante e fazendeiro, estabelecendo-se bem nos negócios. Possuía um temperamento tranquilo e afável. Falava e escrevia fluentemente o árabe e o português. Gostava de se manter informado.

Famílias Saad e Dib

ENCONTRO & FAMÍLIA

Baduya Saad Dib nasceu no dia 28/06/1928 em Houba, uma pequena cidade perto de Trípoli, Líbano. Era filha de Elias Saad e Nur Sur.

Baduya casou-se no Líbano com **Karim Dib Abdalla**, filho de imigrantes árabes em Cuba (América Central). Karim era homem culto, falava fluentemente 7 idiomas e conheceu praticamente o mundo inteiro.

Tiveram 8 filhos: Gladys (José Raiage), Abdalla (Marly A. Gomes), Ricardo (Vera), Elias (Lázara), Marilyn (Célio), Karim Jr., Henrique (Alessandra), Luciano (Rose).

ADAPTAÇÃO & LUTA

Em 1953 o casal imigra para



Baduya Saad Dib

o Brasil. Karim e Baduya prepararam-se financeiramente para enfrentar a nova vida, todavia dificuldades sobrevieram. Foram momentos de muita luta e Baduya se mostrou forte e companheira. Cuidava da casa e ajudava no orçamento familiar através de trabalho autônomo. Em momento algum se lastimou. Depois veio o falecimento de Karim e, mais tarde, o de Karim Jr. Estas perdas têm-lhe

sido muito penosas.

INTELIGÊNCIA & AMOR

Baduya é uma pessoa simples, inteligente e dona de imenso coração. Compreende as dificuldades e a todos recebe com carinho e amizade. Exímia na culinária árabe, gosta especialmente da abóbora recheada e da carne de carneiro. Pessoa de valor, Baduya é uma digna representante da raça árabe.



Elias Galdino

ORIGEM & FAMÍLIA

Elias Calil Nesseralla (Elias Galdino) nasceu em Minia - Líbano,

em 20/05/1884. Seus pais: Calil Nesseralla e Marian Nesseralla.

Elias Galdino casou-se com a brasileira **Luzia Umbelina de Castro**, nascida em 1900. Luzia faleceu quando tinha apenas 33 anos. Uma vida curta, mas repleta de doação à família.

Elias e Luzia tiveram 7 filhos: Maria, Calil (Raffa), Jorge (Cremilda e mais tarde América), Olga (Alcebíades), Miguel (Ilka), Elmosa (Edmo) e Helena (Selym).

VIAGEM & ESPERANÇA

Elias Galdino veio para o Brasil em 1902. Viajou com a mãe viúva, **Maria Nesseralla**, e o irmão, João Galdino, que já vivia em Araxá e voltara ao Líbano para buscar a família.

Família Nesseralla

Elias Galdino chegou a São Paulo onde manteve, durante certo tempo, uma sociedade com os irmãos. Antes de vir para Araxá, possuiu uma grande casa comercial na região de Salitre de Minas.

Lutador e empreendedor, faleceu em setembro de 1933, seis meses após a morte da esposa. Conta-se que morreu de amor e de saudade. Tinha apenas 48 anos.

VALOR & DIGNIDADE

O falecimento de Elias e de sua esposa teve como consequência o pouco convívio com os filhos que, ainda muito crianças, naquela época, têm poucas lembranças dos pais.

Sabe-se que foram pessoas dignas e valorosas e que deixaram numerosa descendência que segue os seus exemplos.

TRAJETÓRIA & VIDA

Rustum Jacob Slemen (Jorge Miguel Jacob) nasceu em 18/06/1893, na cidade de Karfarhabu, Líbano e faleceu em 1971. **Saada Jorge Abud (Felícia)** nasceu em Zohbin no ano de 1899 e morreu em 22/03/1970.

Os pais de Jorge: Mirshed Jacob Slemen (Miguel Salomão) e Marian Ilhes (Maria Elias).

Os pais de Felícia: Girges Feres Abud (Jorge Abud) e Amene (Amélia) Jorge Feres Abud.

Jorge e Felícia se conheceram em Araxá e casaram-se em 06/02/1921. Os filhos: Adélia (Fued Abdalla Tapxure), Amélia (Jayme T. da Silva), Leonilda (Chafi Suaid), Odete (Romes Facuri), Dalel (Nicanor de Souza), Adibe (Manuel Fernandez) e Jorge (Elza Carazza).

TRABALHO & LUTA

Jorge ganhava o seu sustento, mascateando por toda a região que circundava Araxá: Patrocínio, Antinha, Tapira, Conquista etc. Viajava a cavalo e nunca deixou que faltasse nada à família. Enérgico e trabalhador, chegou a adquirir calos nos ombros. Mas era pessoa alegre. Gostava de caçar e de pescar. Manteve os antigos hábitos alimentares como o pão, a carne de



Jorge Miguel Jacob

carneiro, a coalhada com pepinos, entre outros.

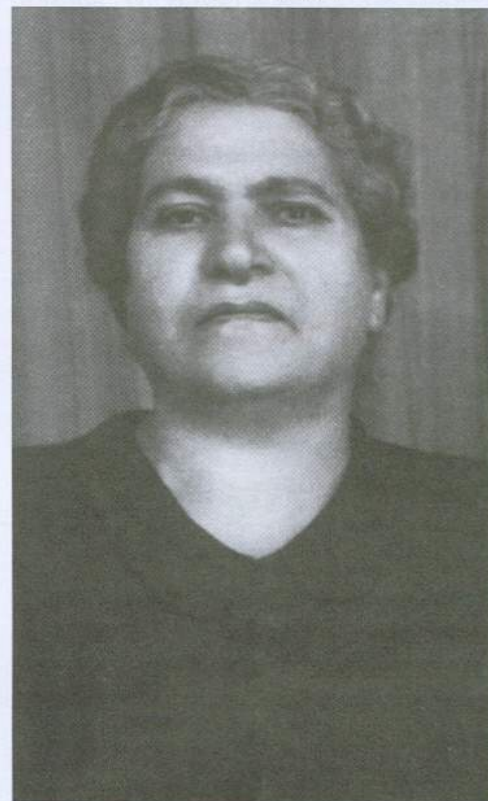
FAMÍLIA & AMOR

Na antiga rua Lavapés, onde hoje é a avenida Vereador João Senna, Jorge abriu um comércio: a loja do "Jorge Turco". Não gostava deste apelido, por ser ele libanês e a Turquia um país opressor. Mais tarde, a loja do "Jorge Turco" foi transferida para a rua da Misericórdia, hoje, rua Virgílio de Abreu.

Felícia dedicou-se à criação

dos filhos com amor e desprendimento. Levantava-se muito cedo, para que todos encontrassem a mesa do café preparada. Era uma mulher simples e humilde. Disposição e coragem faziam parte de sua vida. Pensava sempre no bem da família.

Jorge e Felícia conquistaram a amizade e a admiração de todos os que com eles conviveram, pelo carinho e afeição que sempre dispensaram a todos. Ensinarão aos filhos o valor da honestidade e da lealdade.



Felícia Abud

ZEFERINO & ROSA

Isho Jacob Chaer (Zeferino J. Chaer) nasceu em Deir-Daloum, Líbano, perto de Trípoli em 11/03/1884 e morreu em 10/03/1957.

Seus pais: Jacob Chaer e Catharina Cafrune. Enviuvando-se, Catarina veio para Araxá onde viveu e morreu.

Assima Lakis (Rosa Chaer) nasceu em Minia (ou Hilén),

não sendo precisa a data de seu nascimento. Presume-se o ano de 1887, pelo confronto com imigrantes que, como ela, fizeram a grande travessia com seu irmão Manoel Galdino, nascido em Hilén. Faleceu em 06/06/1983. Seus pais: Halil Dib Lakis e Naús Dib Halil.

HISTÓRIA & VIDA

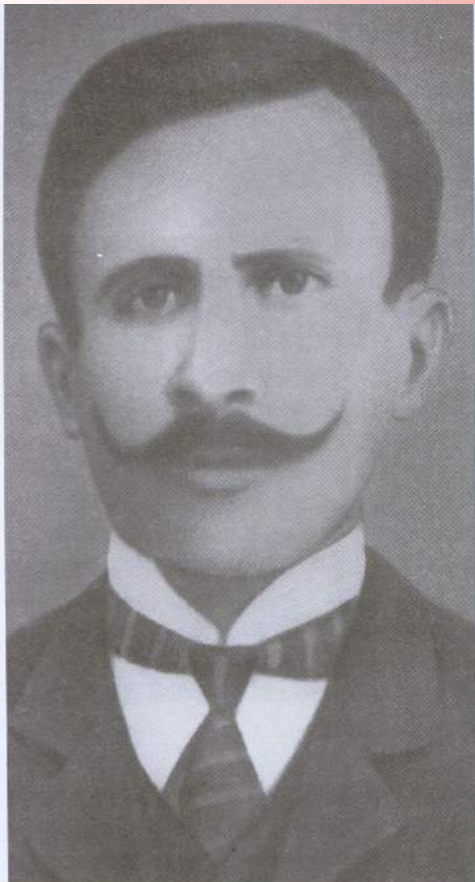
Zeferino vivia em sua terra

um tempo de guerras e fome. Fugindo dessa situação, veio para o Brasil na primeira década do séc. XX, provavelmente em 1902.

Em Araxá, Zeferino e Rosa se conheceram e se casaram. Aqui construíram suas vidas deixando grande descendência orgulhosa do nome que levam.

Tiveram 12 filhos: Amélia, Pedro, Jorge, Celina (Anselmo Dib), Célia (José G. Pereira), Nazha, Zélia

Famílias Dib e Lakis



Zeferino J. Chaer

(Miguel Tomaz), Camélia, Laura, Dinorah (Adelino R. Rezende), Francisco e Lauro (Ana A. Vilela).

LEMBRANÇAS E TERNURA

Zeferino, comerciante naturalizado brasileiro, era homem cortês, trabalhador, corajoso e, acima de tudo, amoroso com a família. Tinha grande círculo de amizades e foi feliz em Araxá, cidade que viu seus filhos nascerem.

Rosa não lia e não escrevia. Pessoa simples, inteligente, dedicada e possuidora de grande sabedoria, tinha para todos uma palavra carinhosa e amiga.

Zeferino e Rosa foram pessoas honradas, dignas, que deixaram aos filhos exemplos de vida.

Viveram seus últimos dias cercados pelos amigos e bendizendo a terra que os recebera, Araxá.



Rosa Chaer

Famílias Slemen e Muachar

DECISÃO & TRAVESSIA

Slemen Jacob Dib (Salomão Dib) e Sarah Abdalla Muachar vieram de Deir-Daloum, Líbano. Salomão chegou ao Brasil no início do século XX, em 1902, algum tempo antes de sua esposa.

Salomão empreendeu a viagem para o Brasil junto à família de Zeferino Chaer. Também Helena, irmã de Zeferino, chegara nessa mesma viagem. Durante a travessia, faleceu um irmão de Zeferino, vitimado pela febre, tendo sido o corpo atirado ao mar. Sarah, lá ficara com os 3 filhos menores: Farid, Helena e Avdockia.

VIDA & DESTINO

Não constam registros de nascimento ou casamento de Salomão Dib e Sarah. Sabe-se que nasceram em Deir-Daloum e que, em Araxá, residiram no local onde mais tarde funcionou o Bar do Gaudêncio na Av. Antônio Carlos e hoje é a



Sarah e Salomão Dib

agência do Unibanco.

Sarah e os três filhos nascidos no Líbano, **Farid, Helena e Avdockia**, chegaram ao Brasil depois que Salomão Dib, comerciante de queijos, já se encontrava estabelecido.

Farid lecionou em Araxá por volta de 1915. Helena casou-se também, em Araxá, com Abrahão Calil, nascendo-lhe 9 filhos, cinco deles araxaenses. Avdockia casou-se com Felipe E. Dib e transferiu-se para Ribeirão Preto.

RESPONSABILIDADE & TRABALHO

Outros três filhos nasceram em Araxá: Cláudio (Olga E. Dib), Anselmo (Celina Chaer Dib) e Ilda Dib.

Salomão Dib tinha baixa estatura, era forte e fumante inveterado. Homem de caráter e sabedoria, lia a Bíblia com frequência.

Sarah, uma mulher doce, exerceu com eficiência o seu papel de mãe e dona de casa.



Helena Chaer Bittar

DIFICULDADES & ACERTOS

Jacob Miguel Tannus e Helena Jacob Chaer vieram de Dair-Dalum - Líbano, no início do séc. XX. Traziam um filho ainda criança, Aziz. Buscavam melhores condições de trabalho e uma vida longe de guerras e dificuldades. Guerras que não condiziam com os objetivos de uma população descontente e insegura.

No Brasil, nasceram-lhes ainda duas filhas, Mállak - Mariquinha (Ozório A. de Souza) e Zakia (Victor Abras). Aziz foi casado com Guilhermina Vieira.

Bem-sucedido nos negócios, Jacob viveu com Helena momentos felizes, vindo a falecer 7 anos após sua chegada, estando Helena grávida de Zakia. Foram

momentos difíceis, enfrentados com coragem, num país distante e de costumes diferentes.

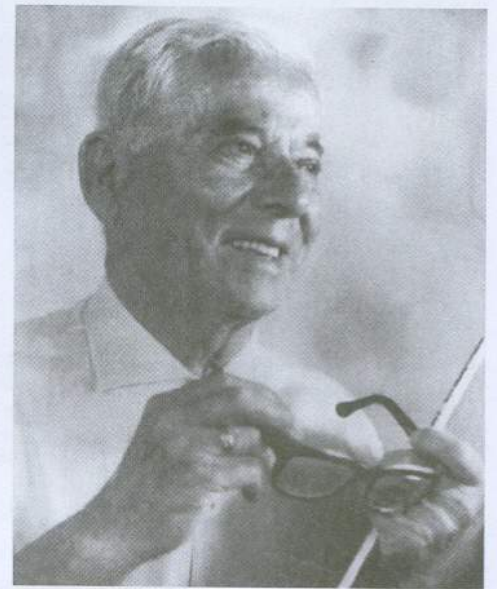
VIDA NOVA & ENCONTRO

Salim Bittar nasceu em Baino, província de Akkar, Líbano. Era filho de Abraham Bittar e Marum Bittar. A Araxá chegou em 1915, após um longo percurso em busca de um tio que não conseguiu encontrar. Como contrapartida encontrou Helena. Jovem, bonita e viúva. Contavam ambos 26 anos quando se casaram em 11/05/1918. Helena era filha de Jacob Chaer e Catharina Cafrune Chaer.

Não possuíam qualquer registro que precisasse com exatidão suas datas de nascimento. Tiveram 6 filhos: Maria (Orlando S. de Rezende), Mário (Maria Auxiliadora Goulart Cecy), Labib, Walter (Maria Conceição Silva), Paulo (Maria Angela P. de Azevedo) e Idê (Edson C. Barra).

TRABALHO & VISÃO

Em seu país de origem Salim foi pedreiro e mestre-de-obras. No Brasil, homem inteligente e empreendedor, começou a vida levando às fazendas objetos manufaturados que eram trocados por produtos artesanais, vendidos na cidade. Muita história viu, muita história viveu, o que fez dele um correspondente de "O Faísca", jornal



Salim Bittar

que circulou em Araxá na década de 30, sob a direção de Antônio Cabral. Homem de visão, teve logo seus negócios ampliados.

AMOR & OTIMISMO

Salim deixou o Líbano por não aderir à luta em favor do país invasor, a Turquia. Com fé e coragem veio buscar no Brasil uma nova pátria. No início as dificuldades de adaptação e comunicação foram logo superadas pela absorção da nova cultura, embora nunca tenha abandonado certos hábitos de origem. Helena cuidava da casa e dos filhos. Serena, guardava sempre um sorriso ou uma palavra amiga. Deixaram exemplos de trabalho, responsabilidade e amor. Amor a Deus e à família.

Famílias Galdino e Nessralla

SEPARAÇÃO & REENCONTRO

Miguel Nessralla (Miguel Galdino) nasceu em 1880 em Minia Líbano, onde conheceu **Aziza Nessralla**, nascida em 1885 e irmã de João Galdino. Tiveram um filho, **Nagib**, que também nasceu em Minia em 03/03/1902.

João Galdino, nome adotado no Brasil, já vivia em Araxá, quando retornou ao Líbano para se casar. De volta ao Brasil, vários membros da família imigraram, aqui chegando em 1902, inclusive Miguel Nessralla que também adotou o sobrenome Galdino, embora não fosse da família de João Galdino, apenas cunhado. Aziza e o

filho Nagib permaneceram no Líbano e só chegariam aqui tempos depois, em 1911, quando Nagib contava 9 anos de idade.

LUTA & DIGNIDADE

Tanto Miguel Galdino quanto Nagib Galdino tiveram vida

curta. Miguel faleceu em 08/06/1928, aos 48 anos. Nagib tinha apenas 39 anos, quando morreu em 21/10/1941. Ambos se dedicaram ao comércio, foram cidadãos dignos e responsáveis.

Com a morte de Miguel, Aziza, mulher de fibra e coragem, montou uma casa de tecidos no antigo sobrado, onde hoje é o Banco Bradesco e também uma confeitaria, onde tudo o que se vendia era preparado por ela. Aziza faleceu aos 60 anos em 08/04/1945.

CORAGEM & DETERMINAÇÃO

Nagib casara-se em 24/09/1924 com **Nazira Salti**

Jammal, uma filha de imigrantes. Nazira era jovem, 24 anos, quando perdeu o marido. Tempos difíceis que ela, uma quase menina, frente a 8 filhos menores, venceu com coragem e determinação.

Os filhos: Irene (João M. Pinto), Ivone (Marched Facury), Wanda (José de Freitas), Miguel (Shirley), Marlene (Gabriel Facury), Dilza (Délcio Neves), Maria Helena (Délcio de Oliveira) e Jorge (Maria Alice Bruno).

Miguel Galdino deixou uma descendência orgulhosa por pertencer a uma família correta que soube vencer e transmitir otimismo.



Nagib Galdino



Antônio Chaddu

VIDA & FAMÍLIA

Tannus Chaddouk (Antônio Chaddu) nasceu no dia 13/12/1872 em Damasco - Síria, conforme documentação, embora ele citasse Homs como sua cidade natal. Era filho de Hana (João) Chaddouk e Maria Jorgina, tendo falecido em 10/09/1938.

Antônio Chaddu chegou ao Brasil no final do século XIX. Em Araxá veio a conhecer **Maria Aphonsina de Almeida**, com quem se casou no dia 21/09/1911. Aphonsina não era apegada às coisas materiais e com isso muitos objetos se perderam. Mulher

firme e determinada, sempre encarou a vida com objetividade.

Tiveram 6 filhos: Manoel (Maria Abadia), Rafael (Maria José Cruz), Suraia (Deluzon Martins), Sofia (José R. da Silva), Sálua Auxiliadora (Osvaldo Silveira) e Teresa (Zinaldo Abdalla).

CARACTERÍSTICAS & PERSONALIDADE

Antônio Chaddu era alto de estatura, gordo e dono de um farto bigode que lhe cobria quase toda a boca. Amava a vida e dela tirava-lhe os prazeres. Tanto gostava da cachaça como apreciava um bom vinho, não dispensando em sua mesa a carne de carneiro. Fazia questão de que todos os filhos recebessem dele igual quantidade de carinho e afeição. Alegre e de bem com a vida, paradoxalmente era um homem "fechado". Os familiares que permaneceram na Síria possuíam bens e os que imigraram se fixaram em São Paulo como grandes proprietários de fábricas de tecidos. Mas Chaddu prezava a sua liberdade. A vida, ele a viveu como quis, no seu modo generoso e independente de ser. Era um homem culto e não fez riqueza.

Família Chaddouk

HISTÓRIA & ESTÓRIA

Antonio Chaddu vendia carneiros e cabritos. Era o único abastecedor do gênero na cidade. Plantava verduras numa gleba herdada por Aphonsina, onde hoje se situa a fazenda dos herdeiros de César Castro Alves, no Córrego do Sal.

Chaddu tinha, na Síria, a profissão de barbeiro e barbeiro continuou no Brasil. Aqui chegou como clandestino. A história? Bem... Conta-se que, certa vez, solicitado a fazer a barba de influente cidadão, confundiu-se no pedido e, ao invés de arrancar-lhe os fios brancos, arrancou-lhe os pretos. Em função disso, passou a ser perseguido pela polícia. Cansado de se esconder, embarcou clandestinamente para o Brasil. Veio para Araxá, em companhia de Izidro Santos.

O primeiro gramofone a existir em Araxá foi trazido por ele. Também uma espingarda de dois canos veio de sua terra natal. Dono de uma personalidade especial, passou pela vida transmitindo lições de otimismo, coragem, força, solidariedade e desprendimento. Os Chaddu de hoje encontram-se dispersos. Têm-se notícias da família na Austrália e no Chile.

FÉ & ESPERANÇA

Elias Bittar nasceu em Trípoli, Líbano, no dia 01/05/1900. Era filho de Tannus Bittar e Anjur (Júlia) Bittar.

Contava apenas 11 anos de idade, quando a avó paterna conseguiu colocá-lo dentro de um navio com destino ao Brasil, dizendo: "Vai filho, fuja dessa guerra".

E assim partiu Elias para uma terra desconhecida onde deveria "procurar" por familiares que aqui viviam. Uma criança ainda, desacompanhada, sem o conhecimento do idioma e que trazia consigo apenas um punhado de azeitonas, pão e queijo. As circunstâncias que envolvem esse fato se perdem na memória e no tempo.

REENCONTRO & LEMBRANÇAS

Uma família libanesa residente em São Paulo o acolheu, conseguindo localizar, anos depois, sua mãe e irmãos que viviam em Araguari/MG. O reencontro foi



Elias Bittar

cercado de alegria e emoção.

Ainda hoje, a família guarda com ternura a lembrança do desprendido e corajoso gesto da avó. Em 1924, Elias fixou-se em Araxá, onde conheceu uma jovem, **Maria Barreto Bittar**, com quem se casou em 28/05/1926. Lutadora, Maria

Família Bittar

ajudava no orçamento familiar através da costura e de artísticos bordados.

Tiveram 8 filhos: Júlia (Inácio Magalhães), Rubens (Marina Paiva), Martha (Tácito M. Cassimiro), Ilma (Lourival P. Andrade), Hilda (Delvo Cardoso), Paulo (Aparecida Oliveira), Olga (Nísio Soraggi) e Maria Aparecida (Eustáquio Miranda).

REPOUSO & PAZ

Em Araxá, Elias aprendeu com Aurélio Cândido de Oliveira, proprietário da Casa de Couros, o ofício de sapateiro, ofício que exerceu com arte e eficiência. Tinha grande habilidade em confeccionar calçados para deficientes físicos.

Pessoa querida e relacionada, gostava de pescar e caçar. Foi um dos fundadores da Loja Maçônica. Veio a falecer em 09/09/1956. Elias Bittar lembra coragem, luta, vivência, exemplo, amor.

Famílias Abdala e Jacob

DECISÃO & PROFISSÃO

Abrahão Abdalla nasceu em Beirute, Líbano e era filho de Abdalla Leime e Marian Bittar. **Diba Jacob** nasceu em Esminia, Líbano.

Não há registro das datas de nascimento. Casaram-se no Líbano e aqui chegaram no início do séc. XX, em torno de 1900.

Em Araxá, Abrahão Abdalla exerceu a profissão de padeiro em estabelecimento situado, onde é hoje o Hotel do Virgílio, à rua Dr. Franklin de Castro, antes, rua do Comércio. Tiveram 9 filhos: Fued (Diolinda), Abdalla (Eunice Leime), Nagib (Maria Aparecida Ávila), Jamil

(Maria do Rosário Dias — Zulinha), Mário (Mirza Rage), Selmo (Elza Gabriel), Ralil, Alzira (Zico) e Elmosa.

DESTINO & LUTA

Abdalla teve vida curta. Pai amoroso, temperamento tranquilo e homem batalhador, estará sempre presente na memória dos que o conheceram.

Com a morte do esposo, Diba, mulher forte e corajosa, assumiu os negócios da família e a criação dos filhos. Tudo o que fez é reconhecido por seus descendentes que buscam seguir os caminhos deixados por ela.



Diba Jacob



José Jorge Feres

VALOR & LUTA

Iussef Jorge Feres (José Jorge Feres) e Ward Chaim (Rosa Feres) eram os pais de Tuffi, Nagela (Abrahão Gabriel), Fuad (Maria Josephina Salomão), Adélia e Angelina (Abrahão Tannus). José Jorge Feres era filho de Feres Abud e Amene (Amélia) Abud e Rosa era filha de Cherrine e Marian.

José Feres nasceu em Zohbin, região de Zahle, Líbano, provavelmente em 1879 e veio para o Brasil por volta de 1898. Rosa nasceu no Líbano, também em Zohbin, em torno de 1891 e teria imigrado para o Brasil no início do século XX. Faleceu em 1975. Iussef enfrentou tempos difíceis no início e "mascateou" antes de ser o proprietário de uma grande loja de tecidos situada no terreno compreendido entre as atuais ruas Calimério Guimarães, Belo Horizonte e Av. Senador Montandon. Iussef morreu em 1919 quando contava apenas 48 anos, levado pela Gripe

Espanhola. Foi homem empreendedor e digno.

CORAGEM & COMPETÊNCIA

Dona Rosa, corajosamente assumiu o comando da casa e a educação dos filhos. Tinha o tino comercial.

Graças aos seus esforços e competência, os negócios prosperaram. As saudades de sua gente eram imensas, todavia a tenacidade e a força de vontade a levaram a caminhar sempre em frente e a vencer. O povo árabe tem essa característica: a facilidade de adaptação e o amor ao Brasil.

NOVOS TEMPOS & NOVA VIDA

Rosa voltou a se casar com **Isper Lais (Manoel Galdino)** que também era imigrante e já vivia no Brasil.

Manoel Galdino nasceu na pequena cidade de Hilén, no ano de 1877 e faleceu em 1943. Negociante, sua loja era a mais antiga de Araxá, a Casa Síria, hoje Casa Nova. Vendiam-se tecidos, armarinhos, calçados, etc. Permanece ainda nas mãos da família que recebe a todos com cordialidade e eficiência.

LEALDADE & FIRMEZA

Pessoa íntegra e generosa, lealdade e caráter foi a herança que Manoel Galdino deixou aos filhos.

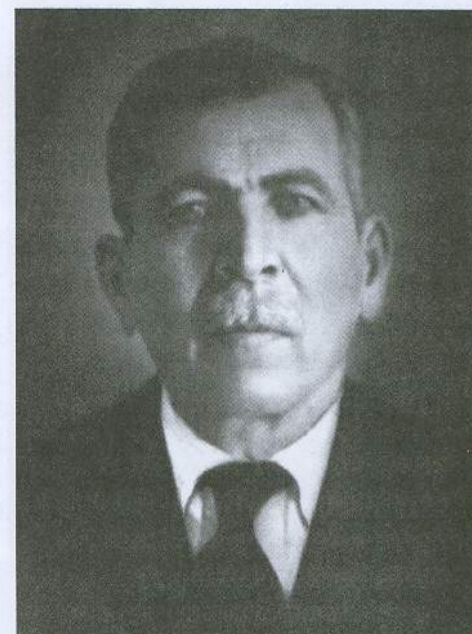
Com Rosa teve 3 filhos: Maria de Lourdes - Lourdinha (João



Rosa Feres Galdino

R. de Oliveira), Divino (Salviana Carneiro) e Chafi.

Sua grande descendência segue os caminhos deixados por eles: os Feres, os Chaim e os Galdino.



Manoel Galdino

Famílias Scaff e Camasmie

ORIGEM & VIDA

Mihail Moysés Scaff (Miguel Scaff) nasceu em Hercus - Líbano, chegando ao Brasil por volta de 1897, em companhia de seus primos. Era filho de Mussa (Jayme) Scaff e Catharina Moysés. Viveu em várias

cidades antes de se estabelecer em Araxá, em 1952.

Issara Camasmie veio com sua avó da cidade de Homs - Síria, em torno do ano de 1905. Era filha de Girges (Jorge) Camasmie e Marian J. Camasmie. Miguel e Issara se conheceram no Brasil e aqui se

casaram. Não há registros que comprovem suas datas de nascimento.

PROFISSÃO & PERSONALIDADE

Miguel Scaff exerceu várias



Miguel e Issara Scaff

atividades, inclusive a de domador de cavalos. Mas foi com o comércio atacado de grãos, mel, especiarias, além de outros com que sempre trabalhou, que criou sua família.

Miguel Scaff não se preocupava em manter as tradições de origem. Amava o Brasil e apreciava a comida mineira. Homem humilde e temperamento tranqüilo, Scaff vivia cercado de amigos. Simples de origem, possuía grande sabedoria de vida. Honestidade e caráter foram marcas de sua personalidade.

TEMPERAMENTO & AMOR

Issara Camasmie Scaff,

também era uma colecionadora de amizades. Vaidosa e querida por todos, vivia sempre alegre e de bem com a vida. Gostava de receber patrícios em sua casa, quando então preparava os pratos da rica cozinha árabe.

Miguel e Issara tiveram seis filhos: Adélia (Aldemar Montandon), Nazir, Adelita, Eduardo (Creusa) M. Aparecida (Paulo de Tarso Aguiar) e Valderez.

Tiveram, ainda, onze netos, trinta e três bisnetos e trinta e dois trinotos, que trilham os caminhos deixados por eles. Caminhos de amor, generosidade e ternura.

Família Feres



Burbara e Jorge Feres

os pais, **Jorge e Amélia**, e duas irmãs, **Salime e Saada** (Felícia). Iussef (José) e Felipe, também seus irmãos, já viviam no Brasil. Burbara, por sua vez, nunca mais teve notícias da família, à exceção de um irmão, Rachid, que reencontrou no Brasil anos depois.

A viagem para o Brasil foi indireta, longa e penosa, numa duração de 6 meses. Com lágrimas nos olhos, as histórias dessa longa travessia eram relatadas aos filhos: Neife (Adelita de Oliveira), Elias Miguel (Divina Jovelina), Leonilda (Waldemar P. Borges), Nagib (Maria José), Isabel (José Massad Filho) e Jorge (Selma M. Rios).

TRABALHO & LIDERANÇA

Miguel Feres começou a vida mascateando pelos arredores de Desemboque e depois Araxá. Mais tarde, com o auxílio da família, montou sua própria loja de tecidos, fixando-se nesse ramo de negócios. Trabalhador incansável, possuía carisma e liderança. Os filhos e netos, cobriu-os de amor e carinho. Generosidade, honestidade e justiça eram qualidades reconhecidas pelos que com ele conviveram.

SERIEDADE & RELIGIOSIDADE

Burbara tinha forte personalidade. Determinada em suas atitudes, ensinou aos filhos os

caminhos da verdade, da seriedade e da firmeza de caráter. No Líbano, as mulheres não eram alfabetizadas e Burbara não foi exceção. Todavia era hábil nas contas e excelente comerciante. Sabia cultivar amigos, o que a fazia querida por todos. Profundamente religiosa, acolhia com amor os menos favorecidos.

ALEGRIA & GRATIDÃO

Miguel e Burbara abrigavam em sua residência os patrícios aqui chegados, ajudando-os no difícil período de adaptação. A casa de Miguel e Burbara tornara-se um dos pontos de referência para a realização de festas típicas quando, então, cantores libaneses eram contratados e, com seus instrumentos e lindas canções, relembravam a pátria distante.

Miguel nutria sincero sentimento de gratidão para com Dâmaso Drummond por ter-lhe conseguido e à sua esposa a cidadania brasileira. Miguel e Burbara amavam o Brasil, terra que os acolheu e os abençoou. Deixaram marcas nos que os conheceram através da cultura, costumes, tradição e religiosidade. O sobrenome Feres veio de uma homenagem a Feres Abud. Feres era o nome próprio do pai de Jorge Abud e avô de Miguel. Assim se formou a família Feres, cujos membros sempre se mostraram dignos do nome que levam.

VIAGEM & TEMPO

Mershed Girges Feres (Miguel Jorge Feres), nasceu na cidade de Zohbin — Líbano, em 06/06/1887. Filho de Girges Feres Abud e Amene (Amélia) Jorge Abud.

Burbara Miguel Jorge também nasceu em Zohbin, no dia 19/03/1899, filha de Jorge Nasser e Marian Nasser.

Miguel e Burbara casaram-se no Líbano em 1914. Quando veio para o Brasil, Miguel trouxe consigo

Famílias Rage e Suleiman



Salima e Elias Rage

ORIGENS & FAMÍLIA

Elias José Rage era natural de El-Minieh — Líbano, tendo sido o primeiro Rage a

imigrar para o Brasil.

Elias, filho de Iussef Rage e Marian Rage, casou-se com **Salima Suleiman**, também uma imigrante libanesa de El-Minieh.

Tiveram um filho, Elias Rage Filho, que hoje é médico em Belo Horizonte e casado com Miriam Chaves. O casal possui 6 filhos.

TRABALHO & TRAJETÓRIA

Elias estabeleceu-se inicialmente em Perdizes formando, com seu irmão Jorge José Rage, uma sociedade em casa comercial onde havia de tudo e de tudo se vendia.

Continuaram sócios em Araxá na grande máquina de beneficiar arroz. Levavam o cereal para inúmeras cidades, através da Rede Mineira de Viação cuja Estação Ferroviária ficava onde hoje é a Fundação Cultural Calmon Barreto.

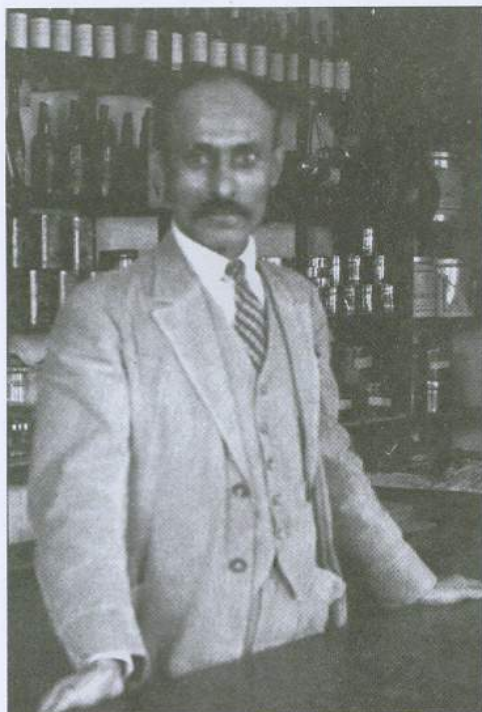
Elias faleceu em 1948, ainda muito jovem. Salima sobreviveu-lhe 46 anos e, durante todo esse tempo, demonstrou os valores de mulher corajosa, que soube criar o filho único com afeto, amor e dedicação. Hoje, embora não existam descendentes da família em Araxá, são lembrados pelos que os conheceram como pessoas dignas e corretas.

Família Massad

AMOR & TERNURA

Humilde, era com desprendimento e generosidade que Tameme se dedicava à família e a todos que com ela conviviam. Assim se tornou conhecida: uma mulher especial que abrigava em seu coração os mais nobres sentimentos de amor. Todos lhe queriam bem e sabiam que podiam contar com ela nos momentos difíceis.

Faleceu em 1941, quando contava apenas 48 anos de idade. Sem dúvida, uma pessoa inesquecível, de forte memória entre os que a conheceram.



José Massad

ESCOLHA & DECISÃO

Dieb Massad (José Massad) e Tameme Massad, provenientes de Zahle - Líbano, aportaram na Argentina, cidade de Rosário, província de Santa Fé, antes de chegarem ao Brasil, por volta de

1916. Em terras argentinas, nasceu-lhes a primeira filha: Abadia. Os outros filhos nasceram no Brasil: José (Isabel Feres), Aparecida, Pedro (Luíza Ferreira) e Jorge. Abadia era casada com Jovino Pereira Marques.

Dieb era filho de Iussef Massad e Ward (Rosa) Massad. Tameme era filha de Chain Bu-Anchin e Marian (Maria) Bu-Anchin.

CARÁTER & CULTURA

Dieb era franco, determinado, forte personalidade e, acima de tudo, um homem de caráter. Sua intelectualidade era reconhecida por todos. E, por ser justo e sensato, orientava os que, em dificuldades, o procuravam. Falava e escrevia corretamente o árabe clássico e o português. Por sua cultura, representava a colônia sírio-libanesa em ocasiões especiais.

Lia muito e mantinha-se sempre informado, através de correspondência com familiares e intelectuais em seu país de origem. Do comércio tirou os meios para sobrevivência e educação dos filhos.



Tameme Massad



Jorge Rage

na frente de batalha durante a 1ª Grande Guerra, nunca mais se tendo notícias suas.

VIDA & DESCENDÊNCIA

Jorge e Badia se casaram ainda no Líbano. Nasceu-lhes um filho: Iussef. Criadores de ovinos e agricultores (maçãs, pêras, uvas e limões), criavam o bicho-da-seda durante os longos períodos de inverno, quando as temperaturas caíam abaixo de zero. Imigraram para o Brasil em 1928.

Tiveram mais 10 filhos: Roberto, Ralilo, Jorge, Abdalla (Cecília), Edson, Jamil (Tânia Abrahão), Linda, José (Marly Fonseca), Maria Abadia (Clecio Fialho) e Salue.

DECISÃO & OTIMISMO

Num navio alemão, com destino ao Brasil, Jorge e Badia embarcaram. Era um período de guerras e dificuldades. A Jorge não interessava o recrutamento para combater ao lado dos turcos pelo Império Otomano. Os objetivos dessa luta não condiziam com seus ideais políticos ou humanos.

Badia, esposa dedicada, encontrou momentos difíceis que ela enfrentou com garra e determinação. Soube temperar carinho e rigor na educação dos filhos. O trabalho foi um exercício constante. Plantava hortaliças para consumo da família numa Araxá onde ainda era difícil a obtenção de alimentos.

LUTAS & LOUROS

Nos primeiros tempos, Jorge e o irmão Elias desenvolveram em Perdizes, um comércio onde se vendia de tudo. Isso era comum à época.

Com o decorrer dos anos Jorge, levado por sua competência e espírito empreendedor, tornou-se industrial no ramo de beneficiamento do arroz. Foi, ainda, agropecuarista e sócio-fundador da Cooperativa dos Fazendeiros de Araxá.

Jorge faleceu em 12/02/1960 e Badia em 15/05/1996. Ambos deixaram lições de sabedoria, otimismo, honradez e luta.



Badia Calil

PRINCÍPIO & FATO

Jorge José Rage, libanês de El Minieh, nasceu em 1900, aproximadamente. Por esses tempos, inexistia o Registro Civil, razão das informações contraditórias quanto às datas de nascimento da maioria dos árabes aqui chegados.

Badia Calil Nahme, também uma libanesa de El Minieh, tem como data provável de nascimento o ano de 1905.

Jorge era filho de Iussef Rage e Marian Rage. Badia era filha de Calil Nahme e Marian Nahme. Calil Nahme, convocado pelo exército turco, desapareceu

CONSIDERAÇÕES FINAIS

1 Al - Munia, El Munieh, Elminie, Esminia e Minia, eram designações diferentes de uma mesma cidade, situada ao norte de Trípoli, quase fronteira com a Síria.

2 O mesmo ocorreu com Dardalum, Deir-Daloum, Dair-Dalum ou Dayr-Dalum. Também uma pequena cidade litorânea

3 ao norte do Líbano.

4 Os nomes de pessoas também variam na ortografia por questões de pronúncias diferentes. Como exemplo: Lais, Lakis, Laquis referentes ao mesmo tronco familiar.

5 No Brasil, os nomes eram

modificados para melhor compreensão devido às diferenças de idiomas.

5 Os dados fornecidos por descendentes e que não foram publicados integralmente encontram-se arquivados na FCCB e à disposição para pesquisa.

Os descendentes Árabes constroem a Araxá de hoje.

Profissionais liberais



Elizabeth França Abdanur (historiadora), José Roberto Salomão (engenheiro) Daniel Angotti Akel (médico), Fernando José Chaer Dib, Rosemary Akel Porfírio Oliveira e Bernardo Sebastião Chaer Dib (advogados)

Universitário



Gustavo Borges

Artistas



Danilo Cecílio Salomão (maestro), Isabel Maria Tannus (decoradora), Fádua Tannus (pintora) e Allan Tannus (músico)

Empresários



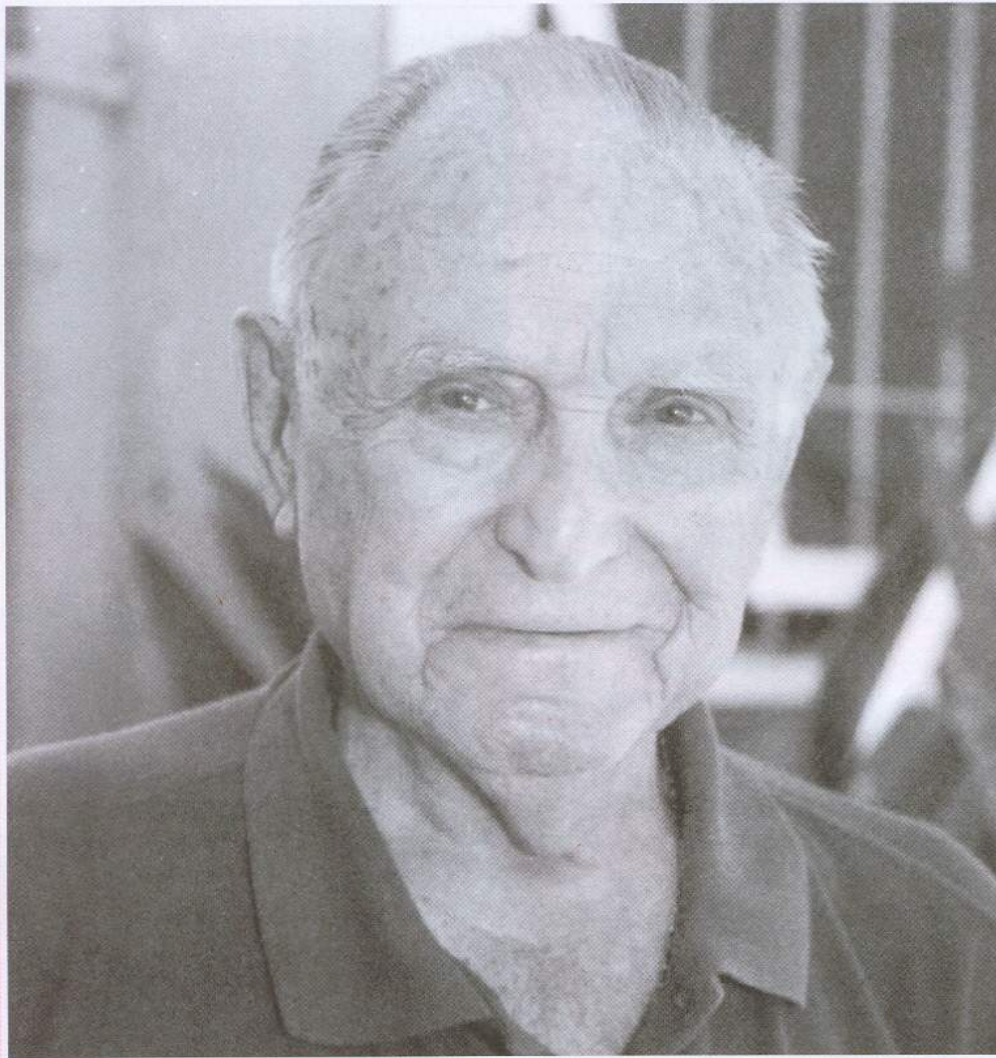
Ricardo Manoel de Oliveira, Khaled Kamel El-Reheym, Jorge Akel Neto, Sérgio Augusto Afonso Chaer

Sociais

Gabriela Teixeira Botelho
Glamour Girl 2001



في كل تاريخ أرشاء عرب وأرشاء
ثالثاً وثالثاً في بناء الحضارة في أرشاء



Arthur Rosa

Poucas foram as pessoas que fizeram tanto pela cultura araxaense, com disponibilidade ímpar, nesses últimos anos, para a Fundação Cultural Calmon Barreto.

Nosso amigo, carinhosamente tratado por "Seu" Arthur, era verdadeiramente uma fonte de pesquisa inesgotável da nossa história, pois possuía uma memória invejável. Quando marcávamos nossos encontros em sua residência, por lá passávamos horas agradáveis, ouvindo casos pitorescos que à sua lembrança não escapavam.

Homem autêntico em tudo o que fazia, trazendo como lema suas principais virtudes, a honestidade e a desassombrada capacidade de trabalho. De presença forte na vida araxaense, atuou participativamente de vários segmentos econômicos, políticos e sociais. Orgulhava-se por ter sido sócio-fundador do Najá Futebol Clube. Foi presidente e membro da diretoria do A.T.C. por vários mandatos, por indicação do Presidente Juscelino Kubitschek. Foi também um dos fundadores do Psicotécnico e sócio de várias empresas de porte. Por ter um caráter solidário e abnegado, era voluntário em entidades filantrópicas.

Na área profissional, exerceu o cargo de diretor administrativo financeiro do Grande Hotel do Barreiro na gestão da Hidrominas, recebeu menção honrosa da General Motors por seu trabalho sobre análise de balanço. Foi gerente acionista da Chevrolet, conhecendo todas as rotinas e procedimentos administrativos, além de atuar ora como vendedor de veículos e peças, ora como prestador de treinamento de recursos humanos e ainda procedia o controle de estoque rigorosamente.

Com uma mentalidade avançada e seguindo os progressos da época, em 1955, trouxe para Araxá o gás.

Era formado em contabilidade pela Escola Álvares Penteado de São Paulo.

Foi fundador do Clube de Xadrez e seu primeiro presidente. Acreditava que o Xadrez desenvolvia uma forma de raciocínio que fazia com que a mente estivesse constantemente em atividade e, assim, ultimamente começou a ensinar às crianças e aos adultos a prática do xadrez. Disputou campeonatos dessa modalidade esportiva durante sessenta e quatro anos, a saber, de 1938 a 2002, podendo entrar para o Guinness de recordes, caso se

confirme o fato de ser a única pessoa no mundo a praticá-la por tantos anos.

Aos 85 anos de idade empreendeu uma viagem turística à Itália, quando cumpriu tranquilamente os onze mil quilômetros de avião e, no mesmo dia da chegada em Roma, exibiu ânimo para visitar pontos da "Cidade Eterna". Cumpriu com entusiasmo juvenil os roteiros de outras cidades, experimentando os mais diversos pratos, emocionando-se ao conhecer a cidade natal da mãe, examinando com curiosidades detalhes e vivenciando essas experiências com respeitável conhecimento da história e, principalmente, da arte italiana. Completando a viagem, retornou ao Brasil como o mesmo fôlego e alegria, sem ter sentido qualquer incômodo de saúde.

Era um apreciador da arte, gostava de música e pintura e sabia que transmiti-la aos seus descendentes seria a forma de eternizar e valorizar seus ensinamentos.

Homem íntegro, amoroso, verdadeiro e com laços de família extremamente sentimentalizados, soube a ela dedicar-se por inteiro.

Seu Arthur foi casado com Diana Zarzana Rosa e pai de 6 filhos: Ernesto, Conceição (Titina), Manfredo, André, Marcelo e Sandra. Avô de 17 netos e 6 bisnetos dos quais muito se envaidecia.

Chegou a comemorar 64 anos de união ao lado de sua esposa, mulher dedicada à família, aos amigos e parentes. Prendada nos afazeres domésticos e trabalhos manuais, possuía um senso cultural aguçado, além de ter um ritual de reza para "tirar quebrante".

Filho de Ernesto Rosa e Leticia Scarpellini, deles recebeu a herança de vínculo com os compromissos e prazos assumidos, sendo orientado sob firme senso de responsabilidade e seriedade na lida da vida.

A apologia que fazemos hoje é mais do que nosso carinho a uma pessoa abnegada, prestativa e carismática. Vai além dos nossos sentimentos, porque sabemos da colaboração valiosa que deixou para a cultura araxaense.

Ele nasceu em 03 de outubro de 1915 e morreu em 21 de fevereiro de 2004 aos 88 anos, em Belo Horizonte, tendo sido enterrado em Araxá.

Nos primeiros anos do séc. XX, a importância do papel de São Paulo e dos paulistas, na história brasileira, tem destaque especial. A população da cidade e região se tornava mais diversificada com a chegada de estrangeiros e a constituição de novas camadas sociais. Esse contexto reserva ao branco português mestiçado com o indígena – o bandeirante – um papel central na condução do processo colonizador. Buscava-se reconciliar pobres e ricos, brasileiros e estrangeiros, passado e presente, tradição e modernidade.

Nos anos 20, apogeu do culto ao moderno em São Paulo, tanto paulistas como italianos de São Paulo viviam a confiança e o entusiasmo que o crescimento urbano possibilitava.

Os italianos que chegaram nessa época ao Brasil vinham, em sua maioria, do sul da Itália – Cosenza, Salerno, Potenza –, região onde predominava a agricultura camponesa. Contavam que não abandonaram o lugar de origem por revolta contra as condições de vida e sim porque a "má sorte" os perseguia e eles foram obrigados a tentar a vida em outra terra. Chegavam aqui para substituir o negro e eram considerados pela sociedade que os recebia como qualitativamente superiores, por serem brancos e católicos. Importado para substituir o braço escravo, o italiano veio trabalhar como assalariado nas fazendas de café.

Os primeiros imigrantes tiveram que enfrentar condições de trabalho duras e difíceis, pois se endividavam com a viagem e a mentalidade escravista de muitos proprietários de terra que

chegavam a pressionar o governo italiano para proibir a vinda de novos imigrantes para o Brasil. Os que não se adaptavam ao campo, procuravam as cidades. Ali encontravam patrícios que já tinham percorrido o caminho para o mundo urbano e exerciam funções que não precisavam de qualificação como jomaleiro, garrafeiro ou comerciante de peixes, funções que lhes garantiam um rendimento econômico.

Esses imigrantes formavam colônias que chegaram a gerar nos brasileiros uma imagem preconceituosa dos italianos a figura do carcamano que destaca a suposta ignorância e a falta de polidez desses aventureiros.

Os italianos que chegaram nessa época ao Brasil vinham, em sua maioria, do sul da Itália

As colônias formadas deram origem aos bairros italianos em São Paulo: Brás, Bexiga, Bom Retiro entre outros.

Os italianos que aqui chegavam constituíam um grupo heterogêneo. A unificação italiana era muito recente e ainda não produzia uma identidade nacional. O que prevalecia não era a Itália, mas sim a aldeia, o povoado. Os imigrantes tentavam manter, de alguma forma, pelo menos o dialeto, mesmo diversificado

para, assim, mostrarem aos compatriotas a vontade de retornar ao seu país de origem.

Perceber que, no Brasil, ser trabalhador braçal é um desprestígio, faz com que o imigrante desenvolva uma consciência étnica em nome da qual se descobre realmente italiano.

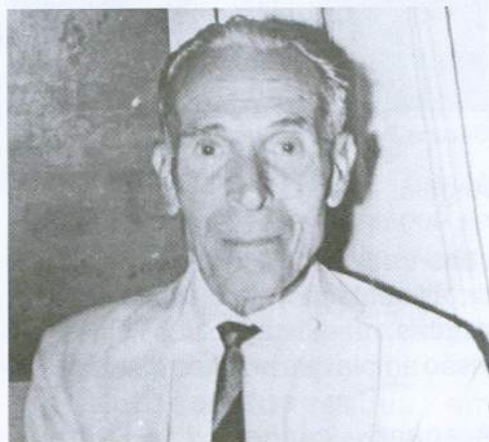
A integração, já existente, dos italianos à vida da cidade toma menor a perseguição a esses imigrantes durante a 2ª Grande Guerra, se comparada à dos alemães e japoneses. Durante a guerra e quando o Brasil entra nesse conflito, os italianos, principalmente aqueles que tinham aderido aos sonhos de Mussolini, passaram a sofrer agressões anteriormente desconhecidas.

A inserção na sociedade paulista foi possível por vários caminhos, mas só se deu de fato para aqueles que ultrapassaram o grupo social mais restrito e, principalmente, para aqueles que chegaram à universidade.

A presença dos descendentes italianos na vida do Brasil é incomensurável. Ela se expressa através da cultura musical e artística, no teatro, no cinema, na arquitetura, na culinária, no jornalismo e na herança do sotaque e impulsividade que são características marcantes desse grupo de imigrantes.

*Pesquisa e texto: Silvana A. Alves Borges
Batista*

Domingos Di Mambro



Domingos Di Mambro

Sua mudança para o Brasil aconteceu após a 2ª Grande Guerra.

Imigrou da cidade Vallefreda, posteriormente conhecida como Villemaio, província de Frosinone na Itália, no ano de 1927. Havia sido contratado como pedreiro por uma companhia italiana para trabalhar na instalação da Estação Ferroviária de Araxá.

O processo de imigração não foi considerado difícil pelo Sr. Domingos Di Mambro, em virtude de ser uma consequência profissional.

Adaptou-se com facilidade e resolveu, então, permanecer na cidade mesmo após o término das obras. As amizades foram motivo de peso nessa decisão. Nesta época conheceu a pessoa que se tornou sua esposa.

A vida econômica da cidade de Araxá baseava-se na agricultura e pecuária. No comércio destacavam-se as firmas Santos & Irmãos, Olímpio Pereira Marques, João Senna e Calimério Guimarães.

Após a sua vinda, seu pai,



Luiz Gonzaga Di Mambro (filho)

José Di Mambro, transferiu-se para o Brasil juntamente com o primo Antônio e outros parentes.

É interessante lembrar que Domingos Di Mambro fez parte da Guarda Pretoriana do Vaticano. Todos os rapazes que a compunham precisavam ter o mesmo perfil físico que os demais colegas.

Casou-se com a Sra. Maria

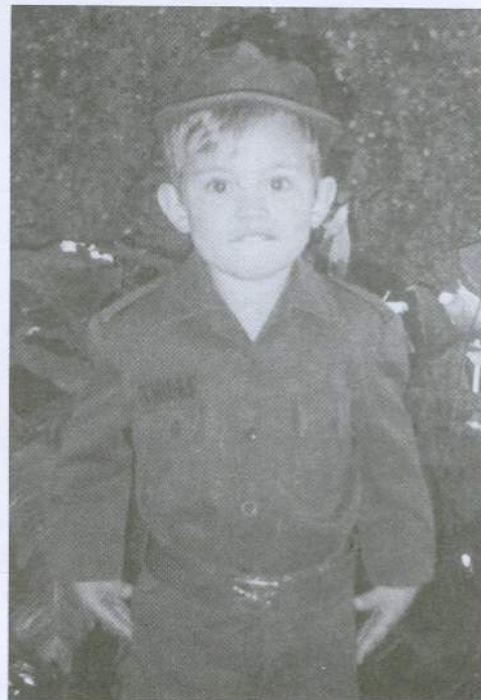
Rita Di Mambro com quem teve 9 filhos: Luiz Gonzaga, Cármine, João Bosco, José Eustáquio, Domingos, José Eliseu, Tereza, Maria do Rosário e José Ângelo. Apenas o seu filho Luís Di Mambro interessou-se em aprender a língua italiana. Nas ocasiões especiais como o Natal, relembavam a Itália através da dança e da música, aproveitando para a conversação no idioma pátrio com os amigos e descendentes italianos que eram nutridos por um forte sentimento de carinho e solidariedade.

Este homem simples, muito ligado à família, trabalhou como pedreiro em obras de vulto em Araxá: a construção da Santa Casa de Misericórdia, a da Igreja Matriz de São Domingos, a do Grande Hotel do Barreiro, a da Praça Governador Valadares entre outras. Após o término da obra do Barreiro, tornou-se o responsável pela manutenção do prédio por muitos anos.

Mais tarde, Domingos Di Mambro mudou-se para Anápolis/GO para trabalhar como Chefe de Disciplina do Colégio Estadual

daquela cidade.

Lá morreu e foi sepultado aos 78 anos, deixando aproximadamente 120 descendentes.



Antônio de Pádua Gandra Júnior (trinet)

Pesquisa e texto: Silvana A. Alves Borges Batista

Pedro Pezzutti

Após ter atuado como médico na 1ª Guerra Mundial, decidiu vir para o Brasil ao encontro do tio, Cônego Pedro Pezzutti, que residia em Araguari/MG.

Em 1922 chega ao Brasil Pedro Pezzutti originado da cidade Valle Del'Ângelo — província de Salerno, Itália.



Dr. Pedro Pezzutti

Combatente na 1ª Guerra Mundial (1914-1918), foi ferido na perna que ficou prestes a ser amputada. Foi obrigado a sair clandestinamente dos campos de batalha, a fim de evitar o comprometimento de sua saúde.

Sua formação profissional se deu em Nápoles — Itália e, logo após receber sua graduação, retornou ao campo de batalha. Com a experiência adquirida na guerra, trabalhando em hospitais improvisados, Dr. Pedro agregou muito conhecimento como cirurgião e recebeu a patente de capitão.

Com sua trajetória profissional e o vasto conhecimento, decidiu defender sua tese em Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Teve dificuldade em expor seu trabalho, por não dominar com fluência a língua portuguesa, fato este considerado um empecilho no seu processo de imigração.

Em 1923 casa-se com Tibúrcia de Ávila com quem teve 4 filhos: Suzana, Carmela, Ítalo e



Suzana Pezzutti Aguiar (filha)

Ângela.

Era católico e mantinha suas tradições e costumes "através da alimentação, do cuidado com as plantas, na educação dos filhos e na visão ampla que possuía da vida".

Em sua estada em Araguari, conhece Sr. Alfredo Melasippo que o trouxe para Araxá, a

fim de fazê-lo realizar uma cirurgia que ele próprio, Alfredo, necessitava. Trabalhou na residência do próprio paciente com muito sucesso. Cativou a simpatia do povo, tornando-se um dos médicos mais queridos e populares daquela época, formando, a partir daí, sua clientela.

Para ele, a medicina sempre foi um sacerdócio. Na sua prática com muito trabalho e perspicácia, esteve atento às necessidades que se faziam presentes na cidade. Uniu-se ao Pe. André Aguirre para conseguir fazer a Santa Casa de Misericórdia



Tereza Camargo Pezzutti (trinet)

funcionar prestando a assistência devida aos necessitados.

Estudioso, ciente do potencial das águas do Barreiro, publicou em 1927 inúmeros artigos descrevendo as propriedades terapêuticas das águas. Publicou dois livros que contavam sua luta incansável contra a miséria e os preconceitos. Em uma obra póstuma expõe seu pensamento político-filosófico.

*Pesquisa e texto: Silvana A. Alves
Borges Batista*

Luiz Samartano



Luiz Samartano

Luiz Samartano foi mais um italiano que veio para o Brasil em busca de melhores perspectivas de trabalho, por volta de 1897. No seu país de origem suas profissões de pedreiro, lavrador e, depois, construtor não lhe eram gratificantes. Apesar disso, ele as exerceu a princípio em Sacramento/MG.

Ao sair da Itália, estava acompanhado por um irmão que se dirigiu para a América do Norte. Chegou ao Brasil ainda jovem e teve facilidade para substituir a língua italiana pela portuguesa.

Enquanto residia em Sacramento, mantinha contato com amigos e conhecidos que residiam

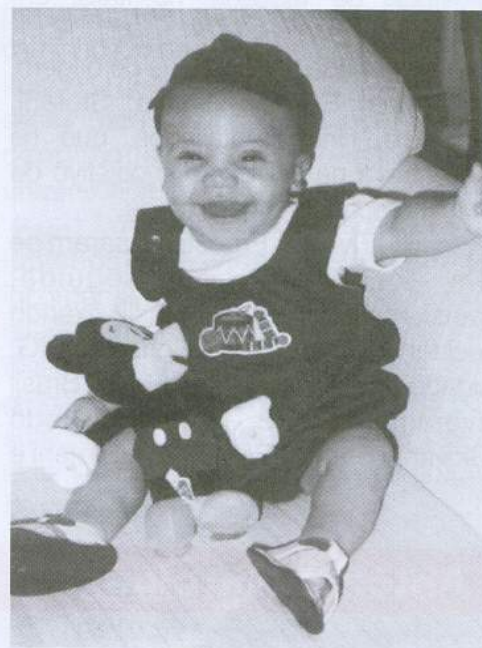
em Araxá e, assim, após casar-se com Magdalena Rosa, transferiu-se para essa cidade em busca de melhor campo de trabalho. Aqui criou seus filhos juntamente com sua esposa.

Mariana, Laurinda, José, Simão, Olga, Leonor, Angelina, Ricardo, Alberto e Álvaro são os seus filhos.

Numa prática individual conhecida como segregação de



Laurinda Samartano de Ávila (filha)



Henrique Neto Moura (trinet)

amizades, Samartano mantinha ótimo relacionamento com os amigos. Em razão das boas relações, muitos deles casaram-se entre si, como exemplo, as famílias Samartano com Rosa, Samartano com Siqueira, Samartano com Ávila, Samartano com Cunha, Samartano com Carrera, Samartano com Perez, Samartano com Oliveira, Samartano com Vale, Samartano com Rocha.

*Pesquisa e texto: Silvana A. Alves Borges
Batista*

Elvira Lippi Stéfani



Elvira Lippi Stéfani

Veio da cidade de Lucca, província de Toscana, na Itália, em 1920.

Ainda em seu país de origem, conheceu Ernesto Duílio Stefani, brasileiro, filho de italianos, que se encontrava na Itália com o objetivo de cursar mecânica e eletricidade.

Elvira e Ernesto casaram-se em Toscana e, em seguida, transferiram-se para o Brasil, fixando residência em Belo Horizonte/MG, cidade natal de Ernesto. No Brasil tiveram seus 3 filhos Goffredo Giovanni Stefani, Élio Elvécio Stefani e

Lídia Yole Stefani.

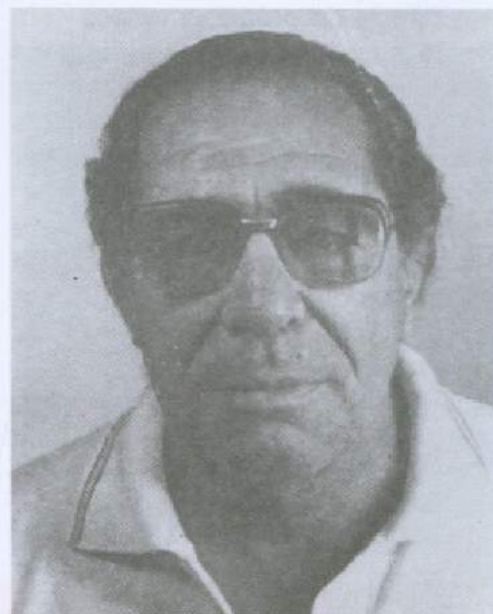
Ernesto veio a Araxá prestar serviços de mecânica ao Sr. Pedro Lemos e, tendo gostado do local, decidiu fixar residência aqui.

Elvira Lippi Stéfani conta que seu processo de imigração não foi difícil porque veio juntamente com sua família, facilitando ainda mais sua adaptação ao unir-se à família de seu marido.

Segundo consta nos depoimentos de D. Elvira, Araxá, por volta de 1929, era a melhor cidade da redondeza com exceção de Uberaba. As ruas sem asfalto e um único cinema marcaram boas lembranças.



Fernanda Parolini Stéfani Lopes (trinetá)



Élio Elvécio Stéfani (filho)

A tarefa de aprender a nova língua não a preocupou. A adaptação ao Brasil se deu com muita naturalidade, pois ela tornou-se membro ativo de uma família brasileira, agregando a ela valores e peculiaridades que fizeram dela e de seus descendentes pessoas carismáticas, alegres e muito queridas na sociedade.

*Pesquisa e texto: Silvana A. Alves
Borges Batista*

Antônio Marcigaglia



Padre Antônio Marcigaglia

Veio da cidade de San Giovanni Ilarione, na Itália, em 1895. Antônio Marcigaglia, aos 14 anos, chega ao Brasil acompanhado de seu pai, Albino Marcigaglia, e de seu irmão, Luiz Marcigaglia. Vêm em busca de melhores recursos para manter a família, que vivia em condições

financeiramente precárias.

Estabeleceram-se em São Paulo e Antônio iniciou-se no noviciado em 1900 tendo sido ordenado Padre em 1909.

Vale ressaltar que em 1898, sua mãe, Josefina Marcazzan, suas três irmãs e o irmão mais novo, Isidoro, vieram definitivamente para o Brasil.

Em 1931, Pe. Marcigaglia compra o prédio do Grande Hotel (Av. Imbiara) e adapta-o com a finalidade de ali iniciar o funcionamento do Ginásio Dom Bosco.

Em 1934, transferiu-se do Espírito Santo para Araxá, permanecendo aqui por seis anos. Continuou sua peregrinação com trabalhos relevantes por todas as comunidades por onde passava,

prestando assistência religiosa.

Já em 1934, fez a primeira romaria à Nossa Senhora de Águas Sujas, tradição mantida com entusiasmo e crença pelos fiéis até a atualidade.

Goiás, Espírito Santo e São Paulo foram alguns dos estados em que Padre Antônio Marcigaglia deixou a marca da sua fé e de seus valores através de ações relevantes.

Aos 85 anos adoeceu, regressando para Araxá a seu pedido. Aqui faleceu em 04/06/1966, deixando para a história seu testemunho de fé e abnegação.

*Pesquisa e texto: Silvana A. Alves
Borges Batista*

José Caputo

José Custódio Guimarães, popularmente conhecido como José Caputo, saiu de Cozença, província de Basilicata — Itália, com destino ao Brasil em busca de melhores condições de vida.

Filho de Silvério Caputo e Maria Teresa Caputo.

Não possuía nenhum grau de escolaridade, o que o fez trabalhar em uma fazenda no município de São João do Glória/MG.

Em Capitólio, conheceu D. Ambrosina com quem se casou e



José Caputo



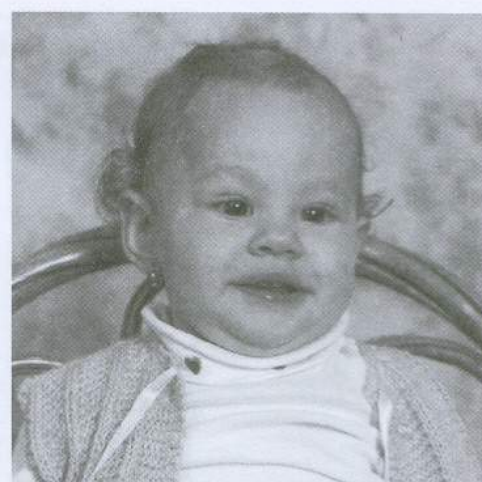
José Geraldo Faria (neto)

teve os seguintes filhos: Avelino, Maria, Calimério, Alexandra, José, Thereza e Silvério.

Transcorrido um período, veio para Araxá junto de Felício Zampogne, também italiano, com a pretensão de, através do trabalho diário, adquirirem condições melhores para suas vidas.

Homem do trabalho, exercia função de "folheiro" fazendo canecos, baldes e cafeteiras. Era religioso, um exemplo de austeridade como pai e se mostrava um amigo leal.

Foi um modelo distinto de



Júlia Barreto Radispiel (trineta)

chefe de família, cujas qualidades são orgulho para seus descendentes muito conhecidos e respeitados em nossa sociedade.

José Custódio Guimarães faleceu em 27/05/1926 aos 74 anos, na cidade de Araxá. Aqui foi sepultado, recebendo homenagens de várias famílias consternadas com a perda de um digno cidadão e um nobre amigo.

*Pesquisa e texto: Silvana A. Alves
Borges Batista*

Hermenegildo Contato

Italiano, veio da cidade de Ruvigo, província de Veneza. Chegou ao Brasil em 1895, acompanhado dos pais Clemente Contato e Angelina Contato. Fixou moradia em Ribeirão Preto e, ainda criança, ajudava os pais na fabricação de pães.

Em 1916 casou-se com



Hermenegildo Contato

Eugênia Tonioli Contato e tiveram 9 filhos. Em 1933, Luiz Samartano vai a



Lídia Contato (filha)

Ribeirão Preto fazer compras para sua panificadora. Nesta ocasião conhece Hermenegildo e o convida para trabalhar no comércio da família em Araxá. Aqui buscaram a realização de novos sonhos, pois a cidade propiciava um desenvolvimento maior a quem tinha vontade e força para vencer.



Luíza e Thiago (trinetos)

Com a morte de Luiz Samartano, Hermenegildo compra a *Panificadora Central* que passa a se chamar Panificadora Contato.

Faleceu em 28/04/1971, deixando como legado a seus filhos exemplos de trabalho e a competência ao exercer sua profissão de padeiro.

*Pesquisa: M. Virgínia Rios do Amaral Valle
Texto: Silvana A. Alves Borges Batista*



Vitória Brunello Nolli

Veio da cidade de Pádua, Itália, em 1897, juntamente com seus familiares: seu pai, Ângelo Brunello, sua mãe, Rosa Trivellini Brunello e os irmãos, Madalena, Maria, Luiz, Adele e José.

Vieram para o Brasil porque o pai, Ângelo, fora contratado por ingleses para trabalhar nas lavouras em uma fazenda situada em Ribeirão Preto/SP. O navio atracou no Porto de Santos e todos seguiram para o interior de São Paulo. Seis meses depois de sua chegada ao Brasil, Vitória perdeu a mãe. Sob os cuidados do pai, ela e os irmãos cresceram nessa fazenda.

Em 1910, conheceu Palmiro Nolli com quem se casou. Mudou-se para Sacramento com os 4 filhos: Idalina, Percedez, Rosa e Alberto. Nesta cidade o Sr. Palmiro trabalhou como ferreiro.

Mais tarde, já com 10 filhos, mudaram-se para Araxá. Palmiro passaria a trabalhar na construção da barragem de São Simão.

Vitória costurava para os mais necessitados e foi parteira, ajudando muitas crianças a virem ao mundo.

Palmiro morreu em 1935, deixando os filhos ainda pequenos aos cuidados da mãe. Essa os criou na simplicidade, lavando roupa para fora e costurando. Não cobrava pelos partos que fazia, mas as pessoas ofereciam-lhes presentes como porcos, galinhas, ovos e verduras, mostrando o reconhecimento pelo seu trabalho. Tudo isso ajudava no sustento da família.

Os filhos cresceram, as dificuldades diminuíram e o sorriso sincero, os olhos meigos e bondosos continuavam a fazer o bem a quem deles precisava.

Mudou-se para o Barreiro, onde desfrutou das belezas puras e intocadas do lugar naquela época. Sua filha Olga ali começou a lecionar aos 16 anos e os demais filhos já haviam se casado. Olga, que sempre cuidou da



Percedez Nolli (filha)



Giovanni Boaventura Ianello (trineto)

nona Vitória, conta que por ser analfabeta, D. Vitória não aceitou o convite para testemunhar o casamento do neto Ellos José, uma vez que não sabia assinar seu próprio nome.

Com 82 anos aprendeu a assinar o nome com apoio do neto e, a partir desse fato, começou a frequentar o Mobral, aprendendo a ler e a escrever, para que assim pudesse conhecer profundamente o Evangelho.

Morreu com 102 anos, em 10/02/1993, deixando 208 descendentes.

Um século de experiência nos deixou essa mulher brilhante, cheia de esperança e fé, sobretudo, fé, pois sempre acreditou no poder divino.

Esta fé continua sendo a maior lição de vida transmitida, até hoje, aos seus familiares e amigos.

*Pesquisa: M. Virgínia Rios do Amaral Valle
Texto: Silvana A. Alves Borges Batista*

Alfredo Melasippo



Alfredo Melasippo

Italiano, filho de Mauro Melasippo e de Maria Antônia Caserta Melasippo, nasceu em Mosciano Sant'Angelo, província de Téramo, no dia 03/03/1896.

Na Itália, Alfredo cursara o segundo grau incompleto. Nas horas de folga dos estudos, aprendeu a arte de confeccionar calçados feitos à mão na fábrica que o irmão possuía.

Em 1913, Alfredo e os irmãos, Luiz e Paschoal, emigraram



Conceição Melasippo (filha)

para o Brasil e se dirigiram para as cidades de Itaúna e Divinópolis, ambas no estado de Minas Gerais, onde viviam alguns conterrâneos.

Seus irmãos permaneceram no Brasil até o início da 1ª. Guerra Mundial quando retornaram ao seu país, deixando, aqui, Alfredo. Assim, foi poupado de participar da guerra.

Em 1915 veio para Araxá e conheceu Maria Salerno (Pequetita) com quem se casou em 29/01/1916. Tiveram 10 filhos: Conceição, Mauro, Maria Antonieta, Luíza, Alfredo, Paulo, Adelina, Irma, Ivone e Nelly.

Nessa época, Araxá já era uma cidade conhecida pelas suas águas minerais e pelo seu clima. Era, também, uma Comarca e um dos primeiros juízes de Direito, Dr. Luiz



Ana Luíza Melasippo kreuzer (bisneta)

Boaventura Salerno, pernambucano, era avô de sua esposa.

Aqui, Alfredo abriu uma oficina, a "Sapataria Veneza", onde fabricou, à mão, os primeiros sapatos finos, usando couros importados.

Os italianos aqui radicados tinham o costume de se reunir para jogar cartas e saborear a tradicional macarronada.

Alfredo faleceu em Belo Horizonte, onde residia, em 13/06/1973.

*Pesquisa e texto: Maria Trindade Coutinho
Resende Goulart*

Ernesto Rosa e Letícia Scarpellini

Ernesto Rosa era filho de Pedro Rosa e Eleonora Lorenzetti Rosa. Nasceu na cidade de Castiglione Garfagnana, província de Toscana, Itália, no dia 13 de junho de 1888.

Devido às dificuldades pelas quais passavam no seu país, Ernesto, seus pais e os irmãos, Madalena, Américo, Sílvio e Amábile emigraram para o Brasil em 1891.

Inicialmente, moraram em Cravinhos, interior de São Paulo, e trabalharam nas lavouras de café, como a maioria de seus conterrâneos.

Depois, mudaram para Sacramento/MG onde se estabeleceram no comércio, instalando uma máquina de beneficiar arroz. Nesta ocasião, Ernesto conheceu Calimério Guimarães que residia em Araxá e de quem, mais



Letícia Scarpellini e Ernesto Rosa

tarde, se tomaria companheiro e sócio.

Em 24/02/1911 casou-se com Letícia Scarpellini, também de origem italiana, nascida em Monte Selvino, província de Bérgamo, no dia 08/03/1886.

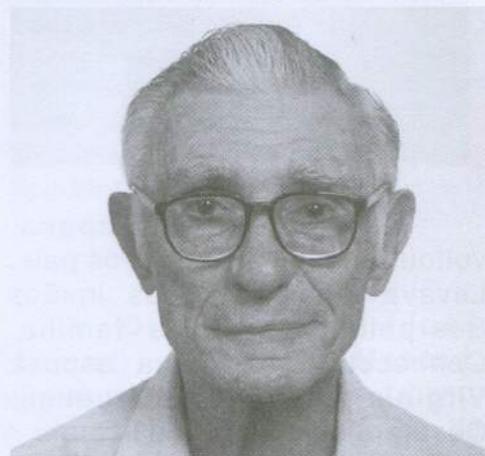
Como a maioria dos italianos, Letícia veio para o Brasil com os irmãos Alexandre, Luiz, Guilherme, Gerônimo e Virgínia. Estavam à procura de um mundo melhor e o encontraram.

Nessa época, a cidade não ultrapassava os limites da avenida

Getúlio Vargas. O centro comercial estava estabelecido entre as ruas do Comércio (hoje, Franklin de Castro) e Alexandre Gondim. Na praça São Sebastião havia também um grande mercado.

Ernesto reunia-se constantemente com os amigos italianos Alfredo Melasippo, Felício Zampogne, Achilles Noll e Pedro Pezzuti com quem gostava de jogar "scapone", "tresete", "solo" e "truvo".

O casal se reunia com os filhos para, juntos, saborearem



Oswaldo Rosa (filho)



Kadu Cardoso Borges Rosa (bisneto)

macarronada, polenta, risoto, brodo (sopa) e um bom vinho, a fim de que fossem preservadas algumas das tradições italianas.

Ernesto exerceu várias atividades e destacou-se como fazendeiro, comerciante e industrial.

Foi sócio-proprietário da Fábrica de Manteiga Triângulo, fabricante de cerveja da marca Gato e também concessionário de automóveis Chevrolet.

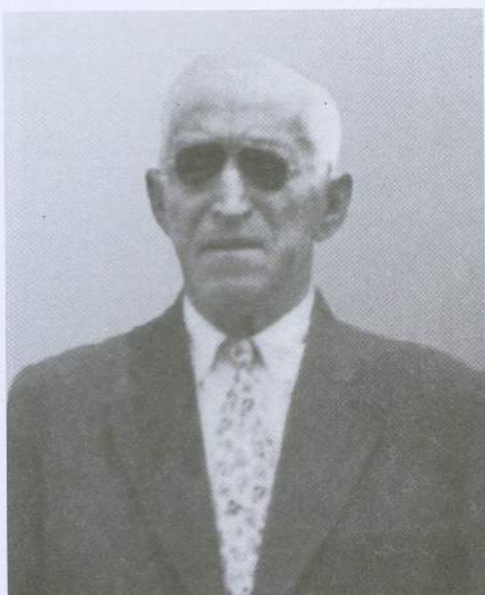
Aos filhos, Arthur, Mário,

Oswaldo e Carlos e aos seus descendentes, Letícia e Ernesto deixaram exemplos de honestidade, trabalho e respeito que por eles foram seguidos.

Ernesto faleceu em 07/07/1967 e Letícia em 26/07/1970, ambos em Araxá.

Pesquisa e texto: Maria Trindade Coutinho Resende Goulart

Ferdinando Ceolin



Ferdinando Ceolin

cidade, por motivos políticos.

Casou-se em primeiras núpcias com Ana Bortolini e teve 07 filhos, Domingos (América), Carlos (Sílvia), Américo (Nilcéia), Arthur, Alexandre (Nilda), Ferdinando (Maria Josefina) e Nair (Frederico). Viúvo, casou-se com Beatriz Fiorini com quem teve uma única filha, Anita.

Em 1936, chega a Araxá com a família. Nessa época, a cidade era "uma miniatura, existiam pouquíssimas



Ferdinando Ceolin Neto

De origem italiana, nasceu em Udine no dia 23/06/1881.

Ainda criança, Ferdinando, o pai Domingos, a mãe Madalena e o irmão Mariano deixam a Itália e desembarcam no Brasil em 1890, à procura de melhores condições de vida.

Exerceu a profissão de mestre-de-obras em Barbacena/MG, onde residia, sendo obrigado a deixar esta



Anna Beatriz Schneider (bisneta)

casas". Passa a residir na fazenda do Sr. Eustórgio Pinheiro, onde hoje está instalada a fábrica de fertilizantes da Bunge (antiga Arafertil), trabalhando na lavoura, como arrendatário.

Faleceu em Araxá em 24/05/1973.

Pesquisa e texto: Maria Trindade Coutinho Resende Goulart

Luiz Henrique Colombo

Nasceu na Itália, em Vila Nova, estado de Milão, em 12/08/1873.

Desembarcou no Porto de Santos na virada do séc. XIX para o XX, trazendo consigo sua ferramenta de trabalho, uma pá de pedreiro.

Seu primeiro trabalho foi

em Pirassununga/SP, contratado para fazer chaminés em olarias para fabricação de tijolos.

Em 1905 mudou-se para Araxá e trabalhou colocando meio-fionas ruas. Posteriormente montou duas fábricas de tijolos em locais onde havia argila natural.

Nesta mesma época, voltou à Itália para rever os pais. Levava uma carta dos irmãos Scarpellini para sua família. Conheceu, então, sua esposa Virgínia Leonilda Scarpellini. Casaram-se no Brasil e tiveram 7 filhos: Angelina, Ernestina, Atílio, César, José, Iracema e Yolanda.



Luiz Henrique Colombo

Homem tímido, Sr. Luiz tinha uma grande visão do futuro da cidade. Aconselhado pelo Dr. Franklin de Castro, presidente da Câmara Municipal na época, construiu o seu primeiro hotel,



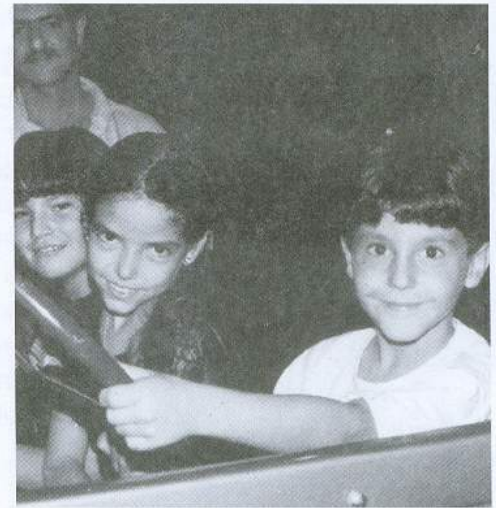
Yolanda Colombo (filha)

localizado na esquina da R. Pres. Olegário Maciel com a Av. Antônio Carlos. Para maior conforto dos aquáticos, que usavam das águas medicinais, construiu, dentro da própria estância, o Hotel Colombo

inaugurado em 09/03/1929.

Faleceu aos 75 anos com sarcoma de pulmão.

Atualmente o Hotel Colombo é gerenciado pela filha Yolanda e pelas netas Florença e Adriana.



Atílio, Cristiano e Leticia (bisnetos)

*Pesquisa: M. Virgínia Rios do Amaral Valle
Texto: Silvana A. Alves Borges Batista*

Guilherme Scarpellini

Vindo de Alzano Maggiori, província de Bérgamo, Itália. Chegou ao Brasil por volta de 1890 com seus irmãos Jerônimo e Alexandre.

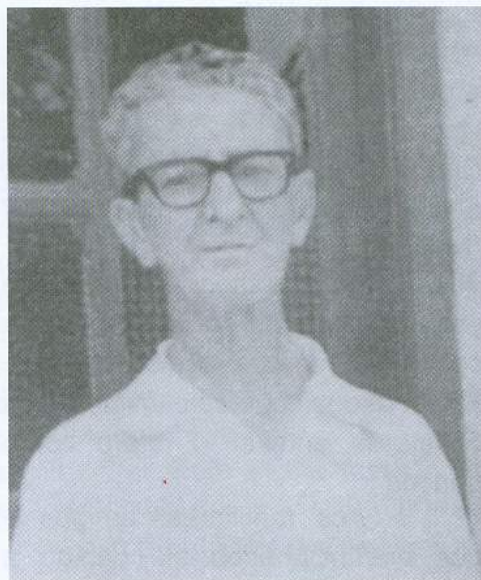
Viajando do Porto de Santos até Araxá, os irmãos procuravam neste caminho encontrar um lugar mais adequado para fazerem sua parada, priorizando melhores condições de vida. Guilherme e Alexandre permaneceram em Araxá e Jerônimo seguiu para Ibiá.

O processo de imigração foi facilitado pelo governo brasileiro sendo que, naquela época, uma grande leva de imigrantes italianos vinham para o Brasil e aqui eram bem aceitos, como conta a história, em razão de servirem para trabalhos braçais substituindo a mão-de-obra escrava.

Por volta de 1903 chegam a Araxá suas irmãs, Leticia e Virgínia.

Em Araxá Guilherme casa-se com Theodora dos Santis. Tiveram 8 filhos: Ângelo, Leticia, Iracema, Antônio, José, Guilherme, Geraldo e Remo.

Guilherme foi comerciante,

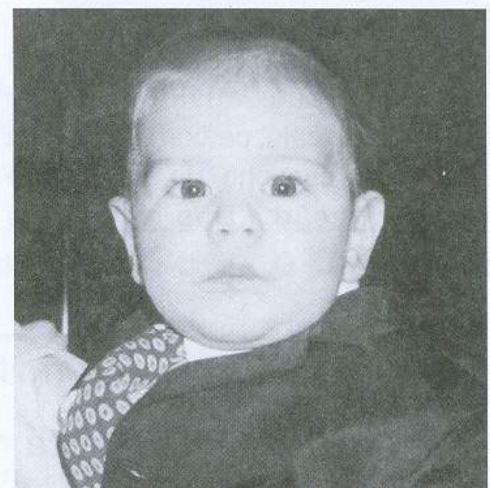


Antônio Scarpellini (filho)

exercendo suas atividades no ramo de padaria, armazém e secos & molhados. Praticava a religião católica e possuía apenas curso primário, embora esse fato não tenha atrapalhado suas negociações comerciais.

Era um homem que gostava de manter as tradições do seu país de origem e mantinha muita amizade com os Colombo.

Em uma viagem à Itália, um descendente da família Colombo levou uma carta para ser entregue à família dos Scarpellini. Nessa ocasião conheceu Virgínia por quem se encantou e, algum tempo depois, vieram a se casar. Atualmente muitos são os descendentes de Sr. Guilherme nesta cidade. Faleceu em 1922.



João de Oliveira Neto (tetraneto)

*Pesquisa: M. Virgínia Rios do Amaral Valle
Texto: Silvana A. Alves Borges Batista*

Domingos Zema

"Fazer a América foi o sonho de muitos e, resguardado o sentido um tanto quanto colonizador que o termo expressa, aqui havia muito espaço a ser ocupado principalmente por aqueles que soubessem aproveitar as oportunidades, como foi o caso de Domingos Zema".



Domingos Zema

Aos 9 anos era um entre os cinco irmãos, que desembarcaram no Porto de Santos, em 10 de junho de 1898, com seus pais Demétrio e Santa Marra Zema, além de tios e primos. Nascido em Reggio, na Calábria, Itália, ainda menino conheceu as dificuldades de uma gente sem recursos que sonhava em recomeçar a vida com mais dignidade.

Ao chegarem ao Brasil iniciaram suas atividades nas fazendas de café, percorrendo assim um longo caminho de trabalho e determinação. Das fazendas

Domingos mudou-se para Ribeirão Preto/SP onde começou a exercer a profissão de motorista.

Casou-se com Catharina Cavallaro, também imigrante italiana. Tiveram 7 filhos: Romeu, Armando, Julieta, Oswaldo, Lourdes, Odete e Waldete. Catharina foi uma exímia costureira, especializada por franceses. Executava seu trabalho para a alta sociedade de Ribeirão, enquanto Domingos era motorista.

Acometido pela malária, veio a Araxá para tratar-se com as águas medicinais do Barreiro. Depois de se recuperar, mudou-se para Sacramento onde foi contratado para trabalhar em uma firma chamada "Auto Viação Sacramento-Araxá". A empresa trazia aquáticos para Araxá. Trabalhou um ano e meio nessa firma e economizou dinheiro para adquirir seu primeiro automóvel, um Ford, modelo T-1914.

Em 1918 mudou-se para Araxá, montando sua primeira empresa "Auto Viação Araxá-Uberaba". Em 1923 inaugura a Concessionária da Ford e em 1936, o primeiro posto de combustível "Posto Zema".

Foi, então, percorrido o caminho natural de quem estava comprometido com a modernidade. É fácil deduzir que este imigrante foi capaz de antever o futuro como poucos.

Aos familiares, amigos e aos ex-funcionários ele deixou a imagem de um homem iluminado,



Julieta Zema (filha) e Luigi Zema Matizonkas (trineto)

sagaz, financista e seguro. Seguiu sempre um lema: honestidade e muito trabalho.

Em 02/03/1980, aos 91 anos incompletos, Domingos Zema faleceu. Vários foram os legados deixados por este imigrante, lutador, que conquistou seus caminhos com lealdade e muita sabedoria.

Hoje seu neto, Ricardo Zema, é comparado ao velho italiano em sua capacidade de dar continuidade aos sonhos do grande empresário, além de concretizar os seus próprios.

Pesquisa e texto: M. Virgínia Rios do Amaral Valle

A fotografia nos permite uma viagem rápida ao passado. O instante da foto registra uma época, o modo de pensar, de sentir e de viver. Mostra-nos a história e a fugacidade do tempo.

Fernando Parolini



Fernando Parolini

De origem italiana, vindo de Milão, chegou ao Brasil em 1895 com os pais Francisco Di-Gian Battista Di Parolini e Carmela Di Parolini e com os irmãos, Giuseppina, Thereza e Celestina. Vieram acompanhados da família

Scarpellini com quem se ligavam por laços de parentesco.

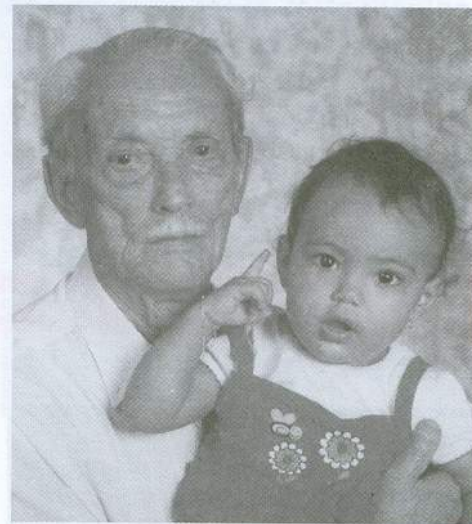
Ao deixar a Itália, Fernando tinha 6 anos de idade. Trabalhou nas fazendas de café. Mais tarde atuou como fabricante de cerveja e, posteriormente, foi padeiro na cidade de Cravinhos/SP.

Aos 17 anos chega a Araxá casado com Raquel Soares da Cunha com quem teve 10 filhos. Trabalhou como padeiro até abrir seu próprio negócio, uma padaria popular localizada na antiga Av. Lavapés, hoje avenida Vereador João Sena.

Em 1910, Araxá era uma cidade que oferecia muito espaço a quem se dispusesse a produzir. Assim os negócios dos Parolini cresceram e prosperaram.

Fernando faleceu em 1963 e deixou a continuidade de seus negócios com seu filho José Parolini, preservando assim a tradição no ramo de Padaria.

Hoje a empresa é conhecida como *Padaria Pão Nosso* e funciona no mesmo local, gerenciada por seus netos.

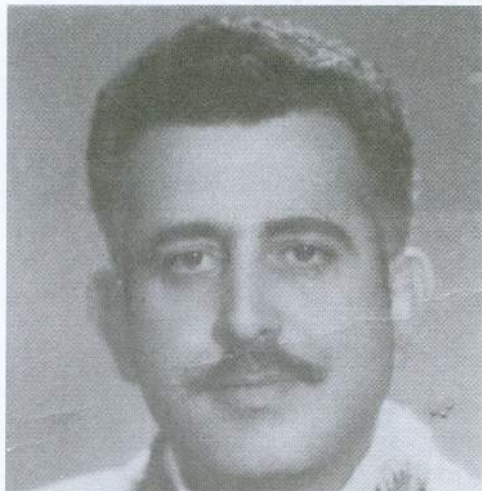


José Parolini (filho) e Bárbara Parolini (trineta)

Pesquisa: M. Virgínia Rios d o Amaral Valle
Texto: Silvana A. Alves Borges Batista

CUBANO

Karim Dib Abdalla



Karim Dib Abdalla

Conforme depoimento de sua esposa, Karim nasceu em Cuba em 12/12/1912. Era filho de descendentes libaneses e assim se considerava.

Tinha curso superior de letras, era poliglota, extremamente culto e conhecia grande parte do mundo. No Líbano foi repórter e no Brasil comerciante e professor de línguas na

"Escola de Comércio".

Aos 29 anos, depois de longa amizade, começou a namorar Baduya que tinha 13 anos.

A idéia de vir para o Brasil partiu de seu tio, que residia em Água Comprida (MG) e fez tal convite.



Gladys Dib Raiach (filha)

Tiveram 8 filhos: Gladys, Abdalla, Ricardo, Elias, Marylin, Karim Jr., Henrique, Luciano.

Em seus momentos de lazer

gostava de estar com os amigos libaneses, relembando hábitos, costumes e cultivando a amizade que os unia.

Faleceu em 11 de fevereiro de 1983.



Grabriel Dib (neto)

Pesquisa: Silvana Ap. Alves Borges Batista
Texto: Cecília A. Machado de Paiva

Os portugueses vieram para o Brasil desde os primeiros tempos da colonização e aqui mesclaram-se com as populações indígenas e, depois, com os escravos africanos. Constituíram assim a “cultura brasileira” ou “cultura mestiça”, concentrando-se especialmente na região centro-sul

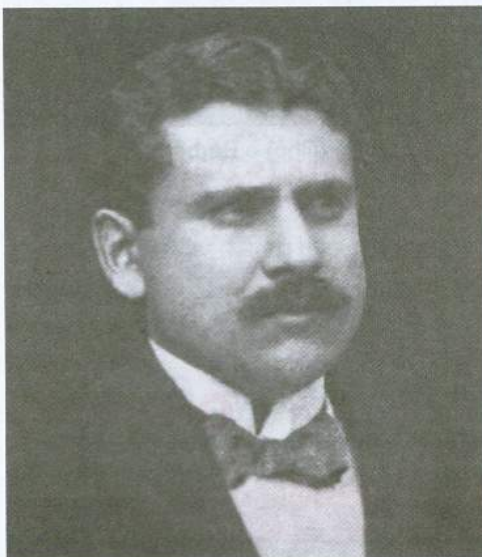
do país.

Depois da Independência e durante todo o séc. XIX, Portugal passava uma fase de dificuldades devido à pobreza do país e o Brasil tornou-se um lugar atraente para a imigração. Os europeus ficavam com a imagem de uma terra pura que oferecia possibilidades de

enriquecimento.

Vários foram os motivos que impulsionaram a vinda deles para o continente, dentre eles a necessidade de buscarem condições para uma vida digna. Fugiam dos conflitos da guerra e encontravam aqui espaço justo no mercado de trabalho. Destacaram-se no comércio.

Daniel Henrique Pinto



Daniel Henrique Pinto

Daniel Henrique nasceu em Vila Nova de Poyares, região de Coimbra, Portugal, em 13/03/1883. Filho de Manoel Henrique Pinto e de Rosina Emília, desde criança ajudava os pais e a avó na colheita de uvas, na fabricação de vinhos e na venda de pães. Com uma infância sofrida e sem conforto, cursou apenas o primário.

Veio para o Brasil de navio em 1901, desembarcando em Santos/SP com apenas dezoito anos. Trabalhou os trinta e dois dias da viagem para ter direito à passagem, sujeito às péssimas condições de hospedagem. Após receber um convite para batizar a filha de um amigo, veio para Araxá/MG. Visitou a cidade mineira e voltou para Santos, onde residiu por seis anos, trabalhando como garçom.

Neste período retornou a Araxá e conheceu Corina Dumont. Em 1919 se casaram. Tiveram seis filhos: Wilton, Celeste, Poiares, Celestina, Haidée e José. Associou-se a Luiz

Samartano numa padaria. Comprou uma casa em 1931 e contava, orgulhosamente, ter recebido a visita de Santos Dumont, primo de sua esposa. Permaneceu até o final de 1936 em Araxá. Preparou-se para voltar para São Paulo vendendo a casa. O moinho de fubá vendeu para o amigo Elias Porfírio de Azevedo.

Por um período de um ano e meio, serviu maminhas num restaurante montado em Anhangabaú/SP. Depois foi com a família para o sertão de São Paulo, na Vila Magda. Atendia os imigrantes vendendo seus produtos numa “venda” e o pagamento era feito no final do mês com os produtos da colheita. Em 1939 os fazendeiros não colheram nada e, com isso, ele faliu por



Celestina Pinto Fonseca (filha)

ter ficado sem pagamento.

Adoeceu seriamente com problemas na vesícula e resolveu voltar para Araxá. Estimulado pela esperança de dias melhores, aqui permaneceu. Financiou cinquenta “contos de réis” com Omar Dumont (Banco Dumont) para

ingressar definitivamente na hotelaria e comprar o Araxá Hotel do Sr. 'Jerominho', na antiga rua Boa Vista. A família residia no fundo do hotel e todos se revezavam nas tarefas diárias. Por muitos anos hospedou viajantes e aquáticos que vinham fazer uso das águas do Barreiro. Depois de muito economizar, após oito anos de construção, inaugurou em 1º/05/1953 um amplo e moderno prédio, o Hotel Pinto. Sua inauguração foi um marco para a engenharia da época. Pôde administrá-lo até seu falecimento em 1961. O antigo Hotel Pinto, que hoje não se encontra em bom estado, é a sede de Secretarias da Prefeitura Municipal de Araxá.

Suas obras não se resumiram somente a realizações materiais. Com caridade vicentina, silenciosamente, atendeu os mais necessitados e merece nosso reconhecimento.



Lilian Rage Rezende (bisneta)

Tereza Gonçalves Pereira

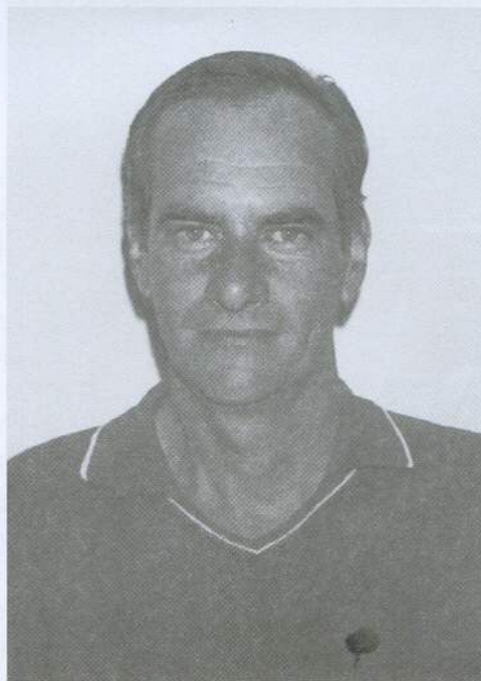
Tereza Gonçalves, portuguesa de Campanário - Ilha da Madeira, nasceu em 06/05/1943. É filha de Manoel Gonçalves e de Maria de Jesus Souza. Os avós maternos, que já residiam em Belo Horizonte, enviaram a "Carta Chamada" para que toda a família também viesse para o Brasil. Então, em 1954, ela chegou com seus pais e os cinco irmãos. A irmã caçula, Lúcia, nasceu



Tereza Gonçalves Pereira

no Brasil.

Tendo iniciado os estudos em Portugal, concluiu o curso primário em Belo Horizonte. Numa de suas visitas a Araxá, foi destaque nos jornais e rádios, sendo muito bem recebida pelos



Frederico Gonçalves Pereira (filho)

araxaenses. Passeando por aqui, conheceu Álvaro Valle Pereira com o qual se casou. Após a cerimônia realizada em Belo Horizonte, vieram residir em Araxá em 1963. Juntos tiveram três filhos, Frederico, Raquel (Glauber) e Carla (Valdir Filho) e quatro netos.

A cidade, nesta época, contava com um comércio pequeno, mas que atendia bem a população. No Bazar Fonseca era possível encontrar uma variedade de produtos finos, nacionais e importados. Diversos bailes, festas e formaturas agitavam a vida social no Clube Brasil, nos Cines Trianon e Brasil e nas Churrascarias Tip-Top e

Moquém.

De sua infância tinha muitas lembranças e das comemorações natalinas. Então, em 1995 retornou à Europa, visitando, além de Portugal, também a Itália. Para ver a neve, permaneceu durante o reveillon e os primeiros dias de 1996.

A família preocupou-se em preservar alguns hábitos portugueses, como oferecer bolo de mel e tramoços (castanhas) nas ceias natalinas. No último dia de carnaval comia-se "malasada", um tipo de bolinho de farinha de trigo. Continuaram com a mesma religião, a católica, e conquistaram amigos de diversas origens, não só os portugueses.



João Afonso Gomes Cardoso (neto)

Pesquisa e texto: Keyla B. Machado

Fortunato José Lopes da Silva

Fortunato Lopes nasceu por volta de 1880, na Freguesia de Remelle, Portugal. Chegou sozinho ao Brasil por volta de 1907. Viveu nove anos no estado de São Paulo e depois veio para Araxá. Era filho de Antônio José Lopes da Silva e Felicidade da Silva.

Tendo feito apenas o curso primário, foi responsável pela primeira irrigação realizada na sua



Fortunato José Lopes da Silva

região, em Portugal. O Sr. Schmith, "o rei do café", um famoso latifundiário da região de Ribeirão Preto/SP, mandou procurar em Portugal pessoas interessadas em se empregarem no Brasil. Nesta oportunidade, veio para trabalhar como agricultor nas fazendas do seu futuro patrão e grande amigo. Atuou também como comerciante e depois como motorista particular.



Manoel Lopes da Silva (filho)

Como motorista particular conheceu Araxá, acompanhando seu patrão. Mais tarde, com maleita, resolveu se mudar definitivamente para curar-se com as águas do Barreiro. Neste período a cidade recebia muitos

turistas em busca de tratamento. Contava que foi bem recebido pelos araxaenses e todos os que aqui chegavam.

Foi responsável pela vinda de sua esposa Rosa Lopes e de seu único filho, Manoel Lopes da



Fernanda Parolini Stéfani Lopes (trineta) de Fortunato José Lopes da Silva e (bisneta) de Manoel Lopes da Silva

Silva, em 1922. Em Araxá iniciou trabalhando em conserto de bicicletas, depois como choffer de praça e, finalmente, estabeleceu-se como mecânico em sua própria oficina.

Católico e com rápida adaptação às coisas do Brasil, somente um costume permaneceu: a batata como prato principal das refeições diárias, no lugar do tradicional "arroz com feijão".

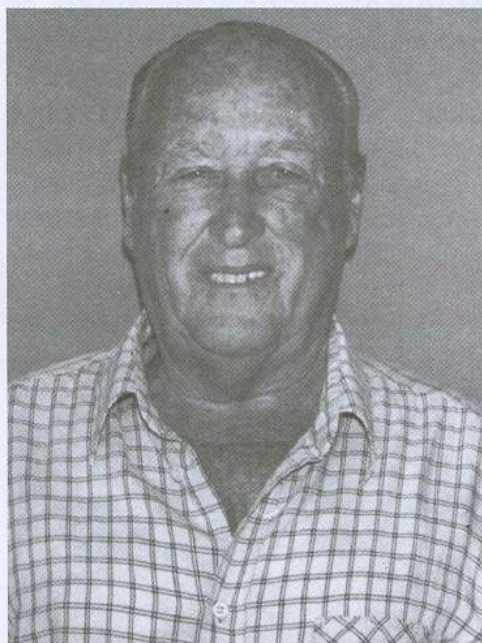
Pesquisa e texto: Keyla B. Machado

Manoel Lopes da Silva



Manoel Lopes da Silva

Manoel Lopes nasceu em Argivai, Conselho da Póvoa do Varzim, em Portugal, em 27/09/1907. Lá concluiu o curso primário e aprendeu noções de comerciante com seu tio-avô, José Maria. Só depois que este tio faleceu é que a



Luís de Faria Lopes (filho)

mãe concordou em vir para o Brasil. Então, em 1922, aos quatorze anos, veio acompanhado da mãe, Rosa

Lopes, e do pai, Fortunato José Lopes da Silva, que foi especialmente para buscá-los.

Pelo fato de ser menor de idade, encontrou uma certa dificuldade na saída de seu país, por não ter prestado o serviço militar. Foi necessário pagar uma multa para ser autorizado a viajar. Após alguns anos, toda a família paterna veio para o Brasil trabalhar nas fazendas do Sr. Schmith, o primeiro patrão de seu pai no Brasil.

Permaneceu em Araxá até 1926 e, após um desentendimento com o pai, foi para São Paulo. Adquiriu experiência na Escola de Artes e Ofícios de São Paulo como montador de carros. Inicialmente trabalhou como lavador de carros, depois como guarda-noturno e finalmente como mecânico. Em 1928 retorna a Araxá.

A receptividade dos

araxaenses foi ótima e teve grandes oportunidades de trabalho, como chofer de praça, por exemplo (hoje, chamado taxista). Seguindo o ofício do pai, aproveitou as noções de mecânica que aprendera em São Paulo e atuou como auxiliar de mecânico na oficina do pai. Constituiu sociedade com o amigo Dino Baroni, na Baroni & Cia. A economia araxaense girava em torno da agricultura, da pecuária e de um pequeno comércio. Os turistas vinham atraídos pelas águas do Barreiro e eram os responsáveis pela chegada das novidades e de outras influências

da moda na cidade.

Casou com Jacyr Rodrigues de Faria Lopes em 02/09/1933 e juntos tiveram quatro filhos: Luís (Irene), Nilo (Maria Alice), Márcia e Décio (Maria Auxiliadora), doze netos (um falecido) e onze bisnetos. Por motivo de constante trabalho, foi um pai ausente e a esposa foi a grande responsável pela educação dos filhos. Foi sua grande companheira por longos anos, mas em 1988 ela faleceu.

Em 1973 representou Araxá no 3º Encontro Brasil-Portugal, Medalha Póvoa do Varzim.

Representou Araxá na Conferência Internacional em Louzeane — Suíça. Representou o Rotary Club no 1º Encontro Brasil-Itália, Medalha Prefeito de Roma. Em 1979 naturalizou-se brasileiro e atua como vicentino há 50 anos.

Retornou três vezes a Portugal. Em 1953 com seu amigo Daniel Pinto, em 1973 numa excursão e em 1983 foi para a Ilha da Madeira com sua esposa para comemorarem as Bodas de Ouro.

Pesquisa e texto: Keyla B. Machado

AUSTRÍACOS

Johan Andreas Prugger



Johan Andreas Prugger

operário em São Paulo. Nessa época João André trabalhava em uma fábrica de sabão. Através de seu patrão, conheceu um representante de laticínios que havia comprado a Fábrica de Manteiga Triângulo (fundada em 1911, sendo seus proprietários Calimério Guimarães, Ernesto Rosa & Cia.). Transferiu-se para Araxá em 1933 e, na fábrica, foi técnico em laticínios, função que aprendera no país de origem. Mais tarde, tornou-se fazendeiro.

Em 1939 seu pai, a madrasta e os irmãos mudaram-se para Araxá, sendo que a irmã, Berta, logo retornou

a São Paulo. João André casou-se com Helena Maria Pereira em 27/10/1962 e teve 07 filhos, Verônica, Valéria, Walter, Wander, Werner, Wilson e Vanessa.

No período em que morou em São Paulo, João André sempre lia os jornais austríacos. Em Araxá, manteve seus hábitos alimentares e também o hábito de ouvir músicas do seu país de origem. Faleceu em Araxá em 12/11/1996.

Pesquisa e texto: Maria Trindade Coutinho Resende Goulart

Nasceu na cidade austríaca de Nuziders, província de Bludenz, no dia 17/01/1911.

Devido à situação política que a Áustria enfrentava, a família Prugger resolveu emigrar para o Brasil incentivada pelo filho mais velho, Walter, seminarista. Mais tarde ele também viria morar neste país e trabalharia como missionário na cidade do Rio de Janeiro.

Em 1930, Andreas Prugger (pai), Adolfina Dörner Prugger (madrasta), Johan Andreas (João André, em português) e seus irmãos Marta, Margarida, Berta e Adolfo chegaram ao Brasil.

No novopaís, foi sitiante em Volta Grande/SP e, posteriormente,



José André, Helena (esposa), filhos e netos

Paulo Muller e Maria Ratzinger



Paulo Muller

Austríacos. Ele, nascido em Tirol no dia 15/05/1900 e ela, no dia 19/11/1907 em Viena.

Paulo serviu por muito tempo o seu país durante a 1ª Guerra Mundial. A grave situação que a Europa pós-guerra enfrentava levou-o a tomar uma decisão: vir para o Brasil. Isso fez com que os noivos Paulo e Maria



Maria Josefina Muller (filha)

antecipassem o casamento para, juntos, tentarem uma nova vida.

Em 1926, Paulo, Maria Ratzinger, Maria Stmika (irmã), João Stmika (cunhado) e os sobrinhos Francisco e Stefânia desembarcaram



Maria Ratzinger

no Brasil.

Paulo exerceu as funções de agricultor (Pará de Minas/MG), carpinteiro (Belo Horizonte) e chacareiro (Honório Bicalho/MG). Tiveram 08 filhos, Maria Josefina (Ferdinando), Ana (Geraldo), Carlos, Eduardo, Mari (José), Hilda (Teodoro), Rodolfo (Ivone), Luiz Carlos (Onofra).

No início da 2ª. Guerra Mundial, Paulo e Maria moravam em Nova Lima. Ela, enfermeira, e ele trabalhando em uma companhia inglesa. A matriz exigiu que se demitissem alemães e austríacos ou que facilitassem o retorno deles à Europa.

Willy Guilherme Gerber, até então engenheiro desta companhia, transferiu-se para Araxá, trazendo consigo Paulo Muller para, juntos, trabalharem na construção do Grande Hotel.

Nesta época, a rua principal, a Pres. Olegário Maciel, possuía poucas casas e na cidade havia

muitas árvores frondosas. O movimento dos turistas no Barreiro contribuiu para o crescimento e a modernização da cidade.

Maria, tendo praticado enfermagem em Nova Lima, aperfeiçoou-se na profissão durante os 15 anos em que atuou como enfermeira da Santa Casa de Misericórdia.

Os filhos foram criados conforme os costumes do país de origem. Todas as noites, os membros da família rezavam aos pés da cama, na língua austríaca. A música, ouvida através de um gramofone, fazia com que Paulo e Maria recordassem os bons momentos vividos no seu país.

Em 1946, Paulo deixou Araxá e residiu em Belo Horizonte, Ipatinga/MG e Salto Grande/SP.



Ana Sofia França (bisneta)

Depois, morou no Rio de Janeiro e, por último, em Mascarenhas/ES, onde faleceu em 1985. Maria faleceu em Araxá em 11/06/1978.

Frederico Augusto Montandon

Frederico Augusto nasceu em 23/08/1801 na cidade suíça de Le Locle Cantão de Neuchâtel, sendo batizado 20 dias depois. Imigrou para o Brasil por volta de 1820 e, em outubro do ano seguinte, recebeu o "Certificado de Origem". O quinto filho de Jean Jaques Henri e Emélie Jacot des Combes teve como irmãos Mélanie, Henriette, Lucie, Jules-Ami e Jean Jaques.

Como tinha uma grande visão para os negócios, escolheu ir para São João del-Rei/MG iniciar-se no comércio de gado. Na época, aquela cidade mineira era vista como um dos maiores centros comerciais do país. Ao se estabelecer, começou a comprar boiadas e a vendê-las no Rio de Janeiro, tendo como alguns de seus clientes, elementos da corte recém-chegada na capital.

Viveu por um tempo em São João del-Rei e conheceu Claudina Maria de Jesus com quem teve os três primeiros filhos, Frederico, Floriana e Lúcia.

A notícia que corria entre os boiadeiros é que o Sertão da Farinha Podre era uma rica região que podia ser abastecida de diversas mercadorias. Frederico decide ir para a Vila de São Domingos do Araxá com sua família por



Iveta Santos (5ª geração família Montandon)

volta de 1834. Nestes novos ares, nascem mais dois filhos, Eduardo e Cândida. Anos mais tarde, após perder a mãe de seus filhos, ele os legitima. Fixa residência na rua Cônego Cassiano e, nesta época, tem como vizinha Anna Jacintha de São José, a Dona Beja, de quem se torna grande amigo.

Trabalhou viajando, comprando e vendendo gado. Homem trabalhador e ambicioso, criou os filhos ensinando-lhes o valor da educação tanto social quanto religiosa. Era extremamente católico e se preocupou em passar a doutrina para seus descendentes. Numa de suas viagens conheceu uma

dançarina de comitiva, que se tomou sua companheira. Passaram a morar juntos, mas não tiveram filhos.

Nos anos de 1850 foi encontrado o maior diamante do Brasil na cidade mineira de Bagagem, hoje chamada Estrela do Sul. Começa então uma corrida a esta região. Muitas pessoas da Vila mudam-se para lá, inclusive Frederico e parte de sua família que, nesta época, já havia aumentado.

Ser humano de caráter honesto e muito ousado nos negócios, viveu naquela cidade até seu falecimento em 1876.

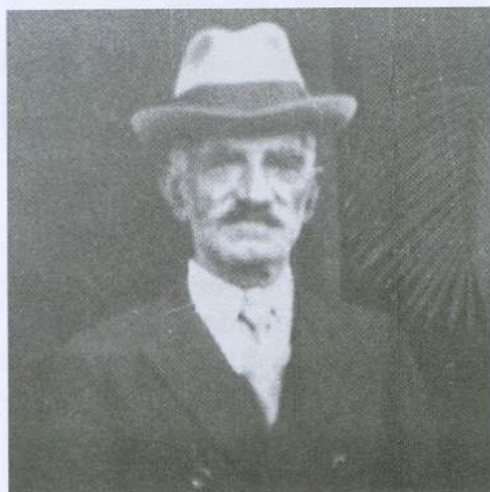


José Fernando Guimarães Borges Faria (7ª geração família Montandon)

Pesquisa e texto: Keyla B. Machado

EGÍPCIO

Latfalla de Jamati



Latfalla de Jamati

Nasceu em 1872 em Alexandria,

Egito.

Aos 12 anos, Latfalla e alguns amigos entram no porão de um navio e chegam à França. Em Paris, trabalhou como alfaiate.

Em 1894, durante o período de incentivo à imigração na América do Norte, ele decidiu transferir-se para os Estados Unidos. Casualmente, venderam-lhe a passagem para a América do Sul. No momento em que o navio ancorou no Rio de Janeiro, Latfalla encantou-se com a cidade e resolveu conhecê-la.

Mudou-se para São Paulo,

a fim de tratar-se de um problema de saúde. Aí conheceu alguns araxaenses, entre eles, um membro da família de Thiers Botelho.

Através das boas informações obtidas sobre a cidade, Latfalla veio para Araxá por volta de 1896. Já existia um cômodo reservado para que pudesse instalar sua alfaiataria. Ensinou o ofício de alfaiate para diversas pessoas, dentre elas, Mário Cardoso e Jason de Oliveira.

Alguns anos depois, Latfalla traz o pai, a mãe e três irmãos. Por não se adaptarem aos costumes



Ary Jamati (filho)

brasileiros, o pai e os irmãos retornam ao Egito. Sua mãe, Sofia, aqui permanece.

Latfalla adaptou-se perfeitamente à vida brasileira, mas como ótimo cozinheiro que era, preservou sua alimentação conforme os costumes do seu país de origem.

A "Alfaiataria Araxaense" funcionou na Av. Antônio Carlos onde, hoje, mora seu filho Ary.

Faleceu em Araxá em 04/08/1956, com 84 anos.

Depois que ele morreu, seu filho, Ary, faz a doação da máquina de costura e dos pertences ao Asilo São Vicente de Paulo.

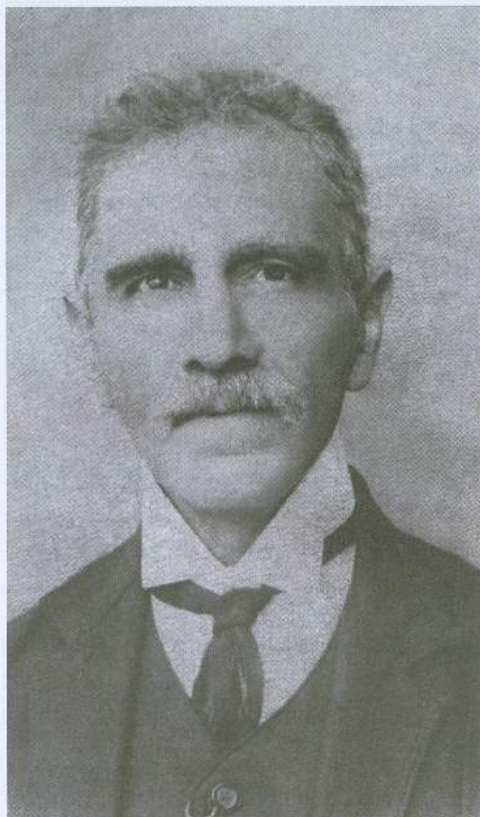
Pesquisa e texto: Maria Trindade Coutinho Resende Goulart



Caíque Jamati Martins (trineto)

FRANCÊS

Marcolino Vinaud



Marcolino Vinaud

realidade brasileira.

No país de origem, Marcolino exerceu a profissão de farmacêutico.

Foi professor nas cidades mineiras de Itapeçerica e Pratinha. Casou-se com Rita Teodora de Jesus, natural de Lavras/MG. Tiveram 10 filhos, Francisco (Bárbara), Manoel (Perciliana), José (Gerald), Joaquim (Julieta), Maria, Maria das Dores (Elisiário), Petronília (Sebastião), João (Virgínia), Alice e Rosa (José Alves).

Conheceu Araxá e gostou. Lecionou matemática e português. Poliglota, deu aulas de francês, sendo Dom José Gaspar de Affonseca e Silva um de seus alunos. Foi professor do Pe. Jacinto, de Vasco Santos, de Júlia Galdino, de Melchíades Cunha, de Noêmia Santos, de Josopherta Guimarães, de Diomedes Santos e também dos filhos dos engenheiros que, na época, construíram a Estrada de Ferro Oeste de Minas.

Como jornalista, foi redator do jornal "O Araxá" que



Maria de Lourdes Ananias (neta) e Felipe Carvalho Ananias (tetraneto)

Natural de Lyon, França, Marques Chambrie Vinaud veio, clandestinamente, para o Brasil, fugindo de uma guerra. Desembarcou na cidade do Rio de Janeiro. Seu nome sofreu alteração a fim de que melhor se adaptasse aos moldes da

circulou no ano de 1903. Deixou inúmeros descendentes.

Sabe-se que ele faleceu no período da 1ª Guerra Mundial (1914-1918), mas não foi possível precisar a data.

Pesquisa e texto: Maria Trindade Coutinho Resende Goulart

Lídia Bruno



Lídia Bruno

De acordo com o depoimento prestado em 1985 por Tibúrcia de Ávila, grande amiga de Madame

Lídia, não se têm dados pessoais sobre a vida dela.

Provavelmente, seria natural da fronteira entre a Itália e a França devido à sua identidade com a cultura francesa e à origem italiana de seu nome.

Por volta de 1914, o casal Carlos Emílio Hirschle (de origem alemã) e Lídia Bruno, conhecida como Madame Francesa, passa pelo Brasil após viagem de núpcias pela Argentina. São, então, obrigados a permanecer no Rio de Janeiro, devido ao estouro da 1ª. Guerra Mundial.

Do Rio de Janeiro, Madame Francesa e Carlos Emílio seguem até o final da linha férrea, rumo ao oeste de Minas e chegam ao distrito de São Pedro de Alcântara (hoje,

cidade de Ibiá/MG) onde adquirem uma propriedade rural.

Após insucesso como fazendeiros, mudam-se para Araxá e, no dia 25 de janeiro de 1919, adquirem uma fazenda denominada "Sesmaria do Barreiro". Ali, constroem o primeiro hotel de porte no parque das águas, o dos *Estrangeiros*. A construção tem como projetista e administrador o engenheiro Carlos Emílio Hirschle.

O casal permanece na administração do hotel até 1928, quando vende a propriedade aos italianos Arthur Trippa e Clélia Chiavez Trippa que o transformam em "Hotel Rádio".

Pesquisa e texto: Maria Trindade Coutinho Resende Goulart

IUGUSLAVO

Marcos Tomasovich



Marcos Tomasovich

Nasceu em 14/04/1886 em Split, província de Homis, Iugoslávia.

Ao deixar o seu país, pretendia chegar aos Estados Unidos, mas isto não foi possível. Seguiu, primeiramente, para Puntarenos (Chile) e depois para Buenos Aires (Argentina).

Em 1910 desembarcou no Brasil "na esperança de encontrar dias melhores". Residiu no Rio de Janeiro e nas cidades mineiras de Santo Antônio do Amparo e Ibiá onde exerceu a

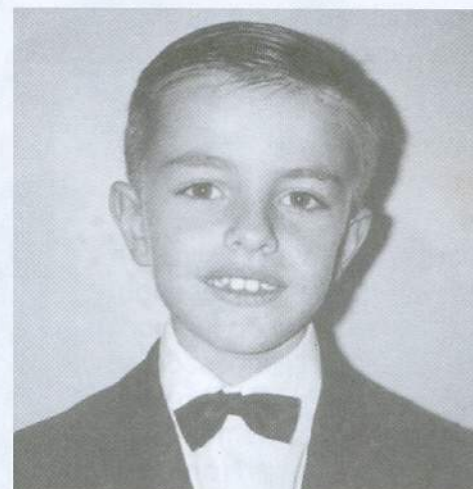
profissão de cirurgião-dentista, a mesma em que trabalhou no seu país.

Em 1918 transferiu-se para Araxá. Nesta época, a cidade era bem modesta e sua residência localizava-se na rua principal, a do Comércio, hoje Dr. Franklin de Castro.

Casou-se com Ondina Pacheco de Araújo. Tiveram um único filho, o médico Milton Tomasovich.



Maria Josefina Abreu Tomasovich de Souza Barros (neta)



Marcos Edwards de Abreu Tomasovich (bisneto)

Adaptou-se aos costumes brasileiros, mas fez questão de preservar alguns de seu país como o consumo de vinho e de batata, na alimentação diária.

Faleceu em Araxá em 1978 e deixou descendentes brasileiros.

Pesquisa e texto: Maria Trindade Coutinho Resende Goulart

O Brasil foi um dos países que mais receberam imigrantes. Alguns alemães protestantes foram os primeiros a virem para o Brasil, para morarem em colônias. Por viverem assim, o contato com a sociedade brasileira era mínimo e isto resultou numa identidade própria, baseada em uma cultura que vinculava língua e espírito nacional. Fundaram escolas, folhetins, jornais, revistas e criaram organizações.

A partir de 1920, mais alemães, de religiões diversas e de regiões também diferentes, chegam ao Brasil devido às dificuldades do pós-guerra, principalmente eles que, até então, tinham uma economia

super-estável e em expansão. Injuriados com a situação econômica em queda e uma inflação vertiginosa em que o marco se desvaloriza a cada hora, deixam sua pátria em busca de uma vida nova e de terras promissoras.

Em sua maioria iniciam a vida no novo país como mascates, vendendo mercadorias de porta em porta nas pequenas cidades e também nas fazendas. Com o passar dos anos, muitos deles se tornaram comerciantes ou industriais.

Os judeus, especificamente, se destinavam a profissões liberais e intelectuais fazendo jus à tradição de serem um povo que retém muita

sabedoria.

O fluxo de imigrantes alemães aumentou a partir dos anos 30. Em São Paulo vão se fixar em bairros étnicos como Bom Retiro e Santo Amaro, centralizando suas atividades comerciais e industriais.

Araxá recebeu Max Neumann e Hans Wolf que se estabeleceram no comércio.

Tivemos a presença de outros alemães aqui, por volta de 1940, mas vieram como técnicos. Viveram e trabalharam por um período de prestação de serviço na construção do balneário do Grande Hotel.

Pesquisa e texto: Cecília A. Machado de Paiva

Max Neumann



Santina Adelaide Zema e Max Neumann

Homem íntegro, realizado, deu exemplo de luta e obstinação, mostrando que, quando existe uma meta e uma verdadeira luta por ela, o objetivo é alcançado. Metódico, responsável, passou para seus filhos uma compreensão de mundo realista, salpicada com otimismo, por causa da garra e vontade de vencer que lhe eram peculiares. Tanta batalha faz sentido pelo que

vivenciou com otimismo.

Natural de Nuremberg, Alemanha, era filho de Wilhelm Neumann e Bertha Natan Neumann.

Aos 13 anos, em pleno final da 1ª Grande Guerra, perdeu seu pai. Sentindo a responsabilidade de um chefe de família, apesar de sua irmã ser 2 anos mais velha e de ter a companhia de sua mãe, ele iniciou

sua batalha.

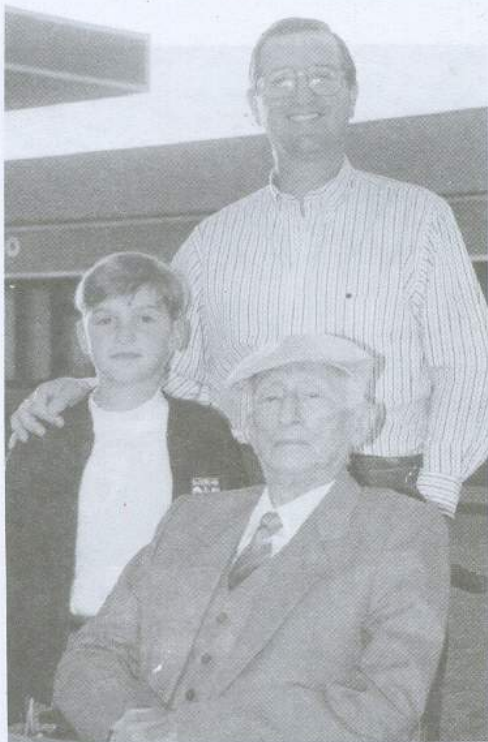
A Alemanha estava destrozada com os restos da guerra e com uma inflação galopante, sofrendo reajuste de preços a cada hora. Para se ter idéia da grandeza da inflação, em 1923, foi adotada uma medida de emergência e foram tirados doze zeros.

Trabalhou para que sobrevivessem e conservassem o patrimônio deixado pelo pai, que comercializava vinho no atacado.

Por ter estudo e facilidade para administrar finanças, conseguiu emprego em uma casa comercial onde se vendiam e compravam ações, bem ao estilo da nossa bolsa de valores.

Aos 20 anos já tinha organizado a vida de sua família, quando surgiu a idéia de se aventurar pela América. Depois de muita burocracia para viabilizar seu passaporte e os devidos documentos, Max veio para o Brasil. Sua primeira opção era ir para os Estados Unidos, mas coincidentemente, nesta época, esse país fez baixar uma lei fechando qualquer tipo de imigração.

Em 1926, chegou ao Brasil, desembarcando no porto São Francisco do Sul/SC, onde tinha



Max Neumann, Max Neumann Neto e Emílio Ludovico Neumann

alguns alemães conhecidos. Permaneceu lá por pouco tempo, pois sentiu a dificuldade de conseguir emprego e conseqüentemente “fazer a vida” ali.

Foi para São Paulo com poucas economias e se empregou na Siemens, ficando nesta firma por uns dois meses. Durante este período, conheceu um alfaiate alemão, Pedro Vindec, e foi trabalhar com ele. Sua função era entregar os ternos e fazer a “escrita” e em troca poderia dormir no fundo da alfaiataria. Havia apenas uma imposição: teria que estar sempre na alfaiataria antes que ela fosse fechada, pois ele não teria acesso às chaves. Várias vezes, Max teve que dormir fora da alfaiataria por não conseguir chegar na hora devida. Como não podia gastar dinheiro com pernoite em hotel, ele dormia nos bancos da Praça da República.

A sua vida tomou novo rumo quando, um dia, chegou na alfaiataria um cliente, Domingos Zema, que comentou estar precisando de um gerente de peças, para a sua concessionária Ford em Araxá. Max mostrou o maior interesse e, apesar de não entender de peças de carro, disse que se considerava apto para o emprego. Domingos gostou da sua disponibilidade e vontade de

trabalhar e deu-lhe o emprego.

Max, mesmo apresentando dificuldade com a língua, se superava em trabalho, honestidade e dedicação. Com isto foi ganhando a confiança e a amizade de Domingos.

Morou por um certo tempo em uma pensão, onde hoje é o Museu Histórico de Araxá Dona Beja. Trabalhou na concessionária Ford de 1927 a 1935.

Neste mesmo ano, associou-se a Hans Wolf, amigo de infância e que, a seu convite, veio também morar no Brasil. Montaram uma oficina de serviços.

Em 1936, Max casou-se com Santina Adelaide Zema. Tiveram dois filhos: Willy, casado com Nívea Pereira em primeiras núpcias e, mais tarde, viúvo, com Martha Borges. Emílio, o outro filho, casado com Heloísa Lemos Oliveira. Teve 3 netos do filho Willy: Bruno, Frederico e Willy e 3 netos do filho Emílio: Fernanda, Marina e Max.

Por volta de 1940, Max compra a parte de Hans na sociedade da oficina. Hans partiu para os sertões de Goiás, a fim de trabalhar com o garimpo de ouro e pedras preciosas.

Neste mesmo tempo, na Alemanha, em plena 2ª Guerra Mundial, com a perseguição aos judeus, a família de Max foge para uma pequena cidade da França. Max ficou muito tempo sem saber da família.

Em 1945, com o término da guerra, recebeu notícias: o cunhado havia morrido, mas a mãe, a irmã e os sobrinhos estavam vivos. Assim Max providenciou a vinda deles para Araxá. Moraram aqui durante um ano, mas se estabeleceram em São Paulo, onde viveram até o fim de suas vidas, com exceção de uma sobrinha que ainda é viva e reside em São Paulo.

Max entrosou perfeitamente com o araxaense e seu estilo de vida. Foi presidente da ACIA (Associação Comercial e Industrial de Araxá) e sócio-fundador do Rotary Club de Araxá.

Um dos momentos importantes e de orgulho de sua vida foi, em 1952, quando o então

Presidente da República, Getúlio Vargas, lhe concedeu de próprio punho a naturalização. Passou a ser um brasileiro que muito contribuiu para o progresso de sua cidade.

Em 1962, já bem-sucedido e realizado, colocou intento no seu prazer maior que era viajar. Foi para a Alemanha juntamente com D. Santina, deixando Emílio e Willy internos em colégios diferentes. Viu uma Alemanha em reconstrução, visitou seu colégio e sentiu, inclusive, a sensação de ter voltado no tempo, querendo rever amigos, professores e sua casa.

Quando ficou doente, pediu a Emílio que providenciasse o ritual judaico para a realização do seu enterro, aqui em Araxá. Emílio entrou em contato com um rabino em São Paulo e informaram-lhe que não poderiam realizar a cerimônia em outro cemitério que não fosse o cemitério israelita em São Paulo.

Max fez a sua opção: seria enterrado em Araxá, terra que ele amava, que o acolheu e que lhe proporcionou realizações e muitas alegrias.

Pediu apenas que, no seu túmulo, tivesse a estrela de Davi, pedido este prontamente atendido pela família.



Frederico Pereira Neumann (neto)

Nasceu em Nuremberg, Alemanha, e foi amigo de infância de Max Neumann. Veio para o Brasil em 1928, a convite de Max, para trabalhar como mecânico chefe da agência Ford. Tinha o curso técnico em mecânica e experiência como mecânico, na Alemanha.

Max escreveu para Hans exaltando as qualidades da cidade de Araxá e deixou Hans bem motivado.

Em um depoimento, Emílio



Hans Wolf

Neumann relata que, quando Hans veio para o Brasil, no dia de sua chegada a Araxá, Max e seu amigo Hélio Ferreira foram buscá-lo na estação. Esperaram todos os passageiros descerem e não viram Hans. Resolveram entrar no trem e lá estava Hans, esperando que o trem partisse. Disseram que aquela era a

cidade de Araxá. Hans, muito decepcionado, desceu, dizendo que Max havia exagerado sobre a cidade.

Logo se adaptou, entrosando com todos e se esquecendo da primeira má impressão.

O turismo estava em alta, mas a cidade ainda não oferecia muito lazer. Como diversão, havia o Cine Trianon, bailes e o rink de patinação situado na praça da Câmara Municipal. Hans Wolf era assíduo freqüentador, mostrando ser perito na arte de patinar.

Em 1935 fundaram a Lobo Max (Neumann & Wolf), primeira firma juntos. Era uma oficina de serviços.

Casou-se com a araxaense Silvia Rodrigues e teve cinco filhos: Rosa Maria Rodrigues, João Wolf, Iolanda Wolf Teixeira, José Nilton Wolf e Paulo Roberto Wolf.

Hans era muito capacitado tecnicamente e ótimo inventor. Criou, com a participação de Max, um tipo de gasogênio diferente, na época da 2ª Grande Guerra, quando os produtos derivados do petróleo eram escassos e de alto custo.

Esse combustível alternativo foi de grande importância para a indústria deles e teve o reconhecimento do Presidente da República. Getúlio Vargas ficou sabendo da invenção em uma de suas vindas para vistoriar as obras do Grande Hotel. O Presidente, impressionado com o invento, concedeu a Max e Hans uma premiação recebida no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro.

Em 1940, Hans decidiu se aventurar e procurar nos sertões de



Rosa Maria Rodrigues (filha) e Vitor Paulo Rodrigues Dias (bisneto)

Goiás, garimpos de ouro e pedras preciosas. Contavam-se muitas histórias e algumas pessoas enriqueciam da noite para o dia. Hans ficou muito impressionado com o charme e a magia destas histórias e propôs que Max comprasse sua parte na sociedade da oficina, dizendo que gostaria de tentar a sorte nos garimpos.

Ficou fora por uns dez anos, retomando sem sucesso para Araxá.

Seu amigo Max lhe deu apoio e um emprego em sua firma, onde trabalhou até o final de seus dias.

Pesquisa e texto: Cecília A. Machado de Paiva

ERRATA - Edição nº 36

Com a colaboração de nossos leitores podemos corrigir erros publicados na edição da revista O Trem da História nº 36.

1 Em "Clicando Emoções e Contando a História", no item "Imagens e Registros", página 04, onde se lê Primo Montovani, leia-se *Antônio* Montovani.

2 Na matéria "Quitadeiras e Doceiras", página 04, a profissão de José de Castro apontou como oleiro e, na verdade, deveria ser *seleiro*.

3 Na matéria "O Dinamismo Comercial", subtítulo "Venda do Sr. Calimério", a legenda da foto apresentada no final da reportagem, página 18, identifica o filho *Calimério Júnior* como sendo o Sr. Calimério.

4 - Na matéria "Da Rapadura ao Tarantule", no item "Casa Mineira", página 22, foi citado que o cartório de Zequinha Montandon situava-se na confluência das ruas Nossa Senhora da Conceição com a rua do Comércio. O endereço correto é a rua do Comércio com a Almeida Campos.

Um dos primeiros povos que imigraram para o Brasil. Vieram para trabalhar nas lavouras de café. Foi a colônia que mais se concentrou no estado paulista. Primeiramente chegaram os andaluzes e, mais tarde, os catalões, bascos e valencianos. A Bahia também foi um estado que acolheu muitos espanhóis, principalmente, os que vinham de Galiza, região da Espanha.

O imigrante espanhol assimilava mais rapidamente a cultura brasileira por falar uma língua próxima à nossa e ser de religião católica. Como seu país de origem não apresentava boas perspectivas, emigravam primeiro para regiões da própria Espanha e de Portugal, para só depois darem o passo mais largo que era a vinda para a América, promessa de enriquecimento.

Nos registros, podemos notar que os imigrantes espanhóis mais antigos foram basicamente do sexo masculino. Depois de algum tempo, quando alcançavam alguma posição, mandavam buscar as mulheres na terra natal para se casarem ou voltavam lá para realizarem este propósito.

Logo de início, trabalhavam no comércio de seus patrícios. Chegavam geralmente com passagens financiadas por parentes ou conterrâneos, com dificuldades de comunicação e receio de deportação.

Trabalhavam com alimentos e bebidas, viviam nos fundos do estabelecimento comercial e trabalhavam entre 12 e 16 horas por dia. Tinham todos, patrões, familiares, parentes e empregados, um único

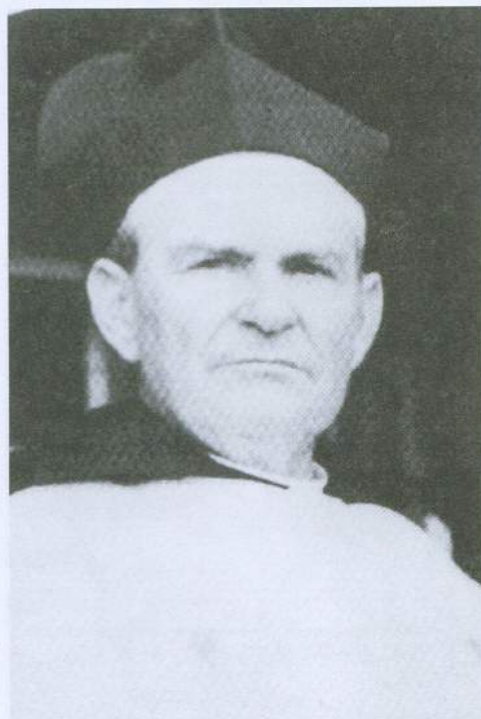
objetivo: vencer e enriquecer. O trabalho era muito valorizado e a vida muito sacrificada, visando, em primeiro lugar, economizar para alcançar o objetivo.

Havia a preocupação do imigrante em se inteirar da vida brasileira. Formavam associações e, entre elas, uma das mais importantes da Bahia foi a "Real Sociedade Espanhola de Beneficência" criada em 1885. Em 1942, essa sociedade doou um avião para a formação de pilotos brasileiros no aeroclube de Paraguaçu/BA.

Trouxeram, também, regras de convívio social baseadas em laços familiares que, facilmente, foram assimiladas por nós.

Pesquisa e texto: Cecília A. Machado de Paiva

Padre André Aguirre



Padre André Aguirre

Natural de Fitera, região de Navarra, na Espanha, nasceu em 30/11/1879. Iniciou sua formação religiosa na ordem agostiniana, vindo a desligar-se desta congregação por imposição da igreja. Teria que suprir a falta de padres no interior.

Teve uma grande participação na vida espiritual dos paroquianos e na vida pública da cidade. Seu trabalho de vigário se estendeu a construtor da igreja e provedor da Santa Casa de Misericórdia, participando, também, da execução do projeto de urbanização de Araxá dentre outras iniciativas relevantes para o progresso da cidade.

Fundou e dirigiu um jornal "A Voz Parochial", redigido pelo Dr. Eduardo Montandon e impresso na "Tipografia Aguirre" de Serafim Aguirre, seu irmão, que viveu em Araxá por algum tempo. Devido às incertezas e à carestia que a 1ª Grande Guerra (1914 -1918) provocou, o jornal ficou apenas três anos em circulação.

Era uma pessoa comunicativa e seus laços com os araxaenses eram muito estreitos. Várias crianças batizadas por ele receberam o nome de André em sua homenagem. Tinha por

hábito visitar os amigos e sempre terminava a noite jogando buraco o seu lazer predileto.

Em 1925 recebeu, com resignação e tristeza, o comunicado para deixar Araxá. Foi para Franca/SP, mas vinha sempre ver os araxaenses e lá, também recebia muitas visitas dos amigos de Araxá.

Quando o padre André adoeceu, as providências para trazê-lo de volta a Araxá foram tomadas e encabeçadas por Domingos Santos, prefeito na época e filho de Armando Santos, amigo pessoal e compadre de padre André.

Seus últimos anos de vida foram passados na Santa Casa de Misericórdia, sempre muito bem assistido e acompanhado pelos amigos que aqui ele fez. Morreu em 1965, ano em que a cidade de Araxá comemorou seu centenário.

Pesquisa e texto: Cecília A. Machado de Paiva

Carmem Martins Carrera e Ramiro Carrera Villanueva



Carmem Martins Carrera e Ramiro Carrera Villanueva

Ramiro nasceu em Pontevedra, na Espanha. Desde cedo ajudava seus pais nos trabalhos da chácara que pertencia à família.

Em 1905, com 14 anos, veio com o pai para o Brasil, com o desejo de conhecer uma terra nova e ter melhores oportunidades de vida. Seu pai logo voltou para a Espanha, deixando-o com uma família espanhola em Uberaba/MG.

O curso primário foi feito na Espanha. Continuou os estudos em

Uberaba/MG.

Já rapaz, alugou um cômodo nos fundos da casa do senhor José Martins Peres, imigrante espanhol que, mais tarde, seria o seu sogro. Foi nessa época que conheceu Carmem Martins Carrera com quem depois se casou.

Carmem era natural de Múrcia - Espanha. Em 1895 veio para o Brasil acompanhada de seu pai, José Martins Saes, de sua mãe, Carmem Perez, e de uma irmã, Josefa Martins Gonzales. Vieram a fim de tentar uma vida nova. Por exigência de seu pai sempre se comunicavam na sua língua de origem, falando fluentemente o espanhol.

Ramiro era de personalidade forte, enérgico, mas extremamente amigo e carinhoso. Entendia de várias profissões. Primeiramente exerceu a profissão de ferreiro e depois a de comerciante. Já casado, montou uma padaria em Uberaba. Teve quatro filhos, dois homens que faleceram ainda crianças e duas mulheres, Carmem e Laura.

Depois da revolução de 1930, fixou residência em Araxá e continuou no mesmo ramo de negócios. Morou na avenida Floriano Peixoto (hoje, Av. Vereador João Senna). Na época da Guerra Civil Espanhola, Ramiro tinha ido a passeio visitar sua mãe e, por causa da guerra, foi impedido de retornar, só obtendo permissão dois

anos depois.

Enquanto isto, Carmem ficou aqui, trabalhando com as duas filhas na padaria que eles haviam montado. Carmem era de espírito empreendedor e, mesmo sem a presença do marido, tocava os negócios com maestria. Fazia quitandas para abastecer todos os bares e confeitarias da cidade e também foi pioneira no serviço de buffet, que fornecia os doces e salgados para festas de casamento, aniversários e batizados.

Como Ramiro estava na Espanha, sem poder sair de lá e sem opções de ganhar dinheiro devido ao clima de guerra, Carmem providenciou sua volta através do consulado, contando com o apoio de Salomão e Dâmaso Drummond, pois a operação era difícil e arrojada.

Ramiro retornou a Araxá e continuou, sempre com o apoio de Carmem, administrando a padaria. Mais tarde, já estabilizados, compraram terras, nos arredores de Araxá, onde hoje é a fazenda de Kamel.

Fazia questão de manter as tradições e costumes espanhóis, principalmente no Natal, quando toda a família se reunia.



Maria Carolina Ladeira Carvalho (trineta)



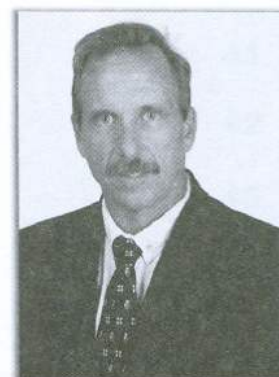
Carmem Carrera Queiroz (filha)

NOVOS IMIGRANTES**ÁRABES****Kamel Hassan El - Reheyem e Samira Souaid El - Reheyem**

Kamel nasceu em 05/09/1949 e Samira em 18/03/1951, ambos na cidade de Khyam, Líbano. Kamel, comerciante, chegou ao Brasil em 1967 a Araxá em 1970, já acompanhado de sua esposa Samira. Têm 4 filhos, Khaled, Tarek, Cristina e Alissar.

NORTE-AMERICANO**John Harris Walker**

Nasceu em Bethesda, Maryland, nos Estados Unidos, em 09/01/1952. Chegou ao Brasil em 27 de julho de 1974, como funcionário do governo americano. Trabalhou em Belo Horizonte e Aracaju. Em 1977 fixou residência em Araxá, instalando aqui o CCAA — Centro de Cultura Anglo-Americana. Casou-se com a araxaense Lucília Gomes e teve dois filhos: Cynthia Gomes Walker e John Harris Walker Jr.

**ESPAÑHOL****Manoel Garcia Martinez**

Nasceu em Melilla, Málaga-Espanha, em 19/07/1944. Consultor de Turismo, Manoel (Manolo) chegou ao Brasil em 1991 com 47 anos. Tem 3 filhos, Leonardo, Ricardo e Eduardo Augusto.

ARGENTINA**Natália Carolina Prestia Rios**

Nasceu em Buenos Aires, Argentina, em 26/01/1974. Secretária executiva, Natália chegou ao Brasil em abril de 1999. Casou-se com Paulo Henrique Drummond Lemos Rios. Atualmente trabalha como professora de espanhol na Escola Wizard.



Etsuko Onuma Viegas

É natural da cidade de Wakayma, Japão. Nasceu em 02/01/1949. Chegou ao Brasil em 22/04/1955. É casada com Waldir dos Reis Batista Viegas e tem duas filhas: Cinthia Mary e Livia Eiko.

Keiko Nakati

Nasceu em 15/02/1950 na cidade de Okinawa, Japão. Chegou ao Brasil em 1958 e a Araxá em 1978. É casada com Nelson Quiofaro Nakati. Tem 4 filhos: Daniel, Rodrigo, Renata e Sabrina.



PORTUGUESES

Fernando Licínio Gomes Duarte

Nasceu em 12/07/51 na cidade de Lamega, Portugal. Filho de Fernando Gomes Duarte e Infantina Gomes de Jesus. Chegou ao Brasil no ano de 1966. Casou-se com Silvia Paulino Dornelas, com quem têm 3 filhos: Rafael, Maria Luíza, Lucas e uma neta Clara Duarte Paiva. Trabalhou na Fosfértil e atualmente tem uma firma de prestação de serviços

Antônio Corrêa da Conceição

Nasceu em 19 de fevereiro de 1943 em Portugal, na cidade de Vale Feira.

Imigrou para o Brasil em 1961, chegando a Araxá no ano de 1975.

Teve dois filhos do seu primeiro casamento: Marco Antônio Lopes da Conceição e Alessandro Lopes da Conceição.

Casou pela segunda vez com Márcia Aparecida Corrêa da Conceição e tiveram três filhos: Vinícius Correia da Conceição, Antônio Carlos Correia da Conceição e Joana D'Arc Chaves.



Vinte anos de história, cultura e arte.

Em 2004 a Fundação Cultural Calmon Barreto faz vinte anos de trabalhos pela cultura araxaense.

Durante este tempo, a entidade prestou relevantes serviços resgatando a história, promovendo a cultura e criando peças de artesanato.

A sua atual direção presta uma homenagem àqueles que trabalharam em parceria ou dentro da entidade, desde a sua fundação.



OBSERVAÇÃO

Novos imigrantes chegaram na segunda metade do século XX e contribuíram na construção de uma nova Araxá. Hoje estão representados em algumas de nossas páginas e serão abordados posteriormente.

COLABORAÇÕES

Maria Josefina Salomão
Idê Aparecida Bittar Barra
Familiares dos descendentes imigrantes

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arquivos de Levantamento da Imigração em Araxá/FCCB.

ALENCAR, Francisco; CARPI, Lúcia; RIBEIRO, Marcus Venício. *História da Sociedade Brasileira*. 18. ed., Rio de Janeiro: Ed. ao Livro Técnico, 1996.

BORGES, José Dagualberto. *Os Montandon de Minas Gerais*. Araxá: Gráfica Santa Adélia, 2003.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 9. ed., São Paulo: Ed. USP, 2001.

FUNDAÇÃO Cultural Calmon Barreto. *Lugar de Memória*. Vol. 1, Araxá: Gráfica Santa Adélia, 2001.

GUERRA, Antônio Teixeira. *Imigração e Colonização*. In: Enciclopédia Delta-Larousse. Vol. 1, 2. ed., Rio de Janeiro: Ed. Delta, 1967.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *O Brasil dos imigrantes*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

Sou mais Eletrozema

Sou mais feliz.

ZEMA
Eletrozema
A rede que faz sua Família Feliz.

Elto Eduardo

MAXDIESEL
30 ANOS.

Os sonhos de Max Neumann passaram de geração a geração, até seus filhos e netos.

Nos seus 30 anos o Grupo Maxdiesel rende uma homenagem ao seu patriarca.

MAXDIESEL
30 anos

O Cartão Postal de Araxá está fazendo sessenta anos de história e cultura.



Em 2001, a atual Administração Municipal de Araxá iniciou-se com a importante conquista da reabertura de nosso maior patrimônio cultural.

Hoje, nossa Estância Hidromineral está presente no calendário turístico internacional.

Prefeitura Municipal

ARAXÁ
Renovação, Participação e Desenvolvimento
2001-2004

